

A golden quill pen is positioned diagonally across the page, resting on a golden scroll. The scroll is partially unrolled, showing its texture and the way it curves. The background is a soft, light yellow gradient, giving the entire scene a warm and elegant feel.

CADERNO PEDAGÓGICO

**UM OLHAR SOBRE O OUTRO: ESTIMULANDO A EMPATIA POR MEIO DE
CONTOS NO ENSINO DE HISTÓRIA**

KÁTIA PATRÍCIA SANTOS SEIXAS

A golden scroll is partially unrolled, with a quill pen resting on it. The scroll is a vibrant yellow-gold color, and the quill is a darker shade of gold. The background is a soft, light yellow gradient.

“É devolvendo o direito à palavra- e na nossa sociedade isto inclui o direito à palavra escrita- que talvez possamos um dia ler a história contida, e não contada, da grande maioria que hoje ocupa os bancos das escolas públicas”.

João Wanderley Geraldi.

APRESENTAÇÃO

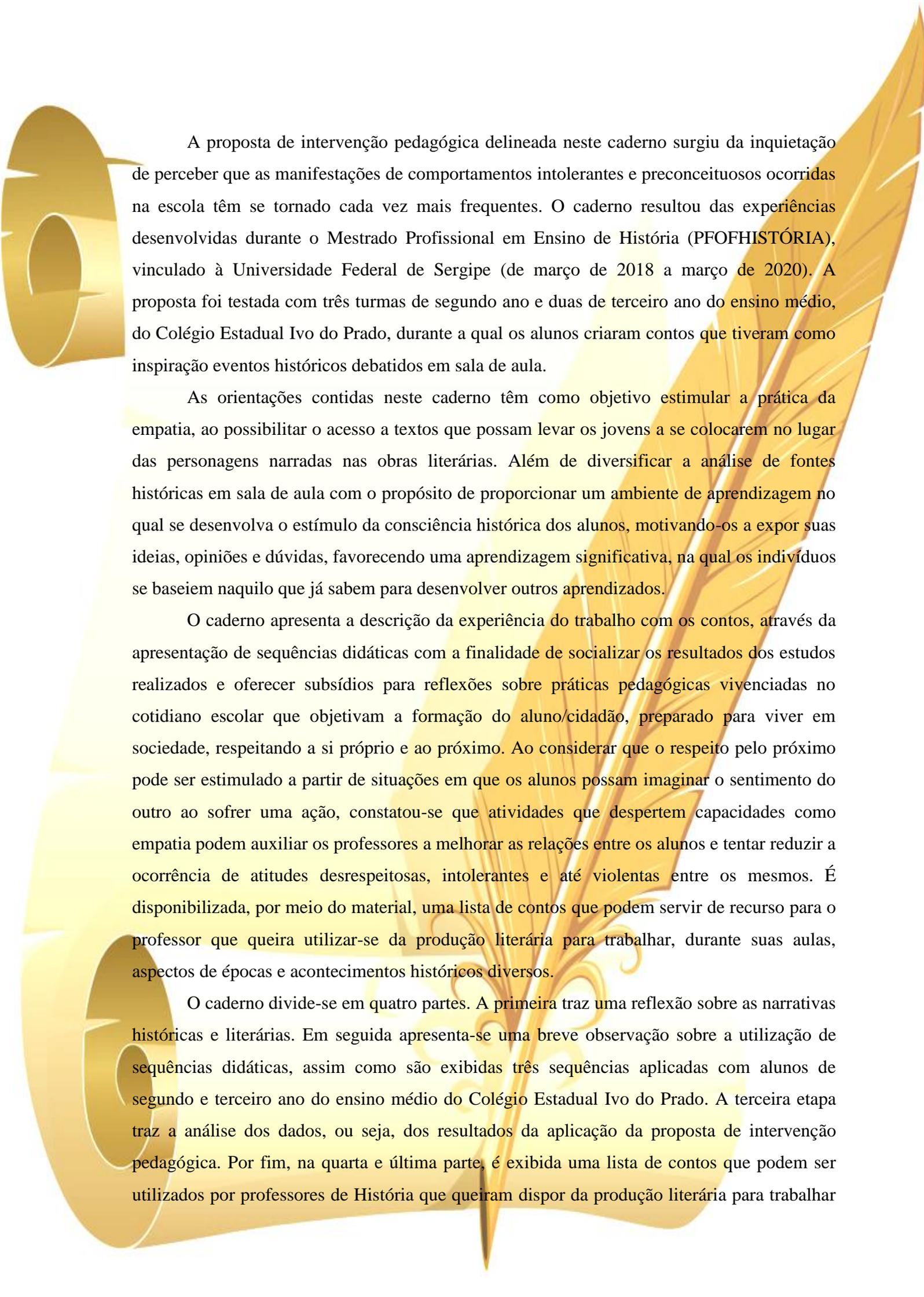
Prezado Professor

A situação de instabilidade emocional vivenciada por parte dos alunos que frequenta a escola pública hoje é resultado, em muitos casos, do convívio destes com comportamentos frequentes de preconceito, intolerância e violência. As relações e as noções morais são, por vezes, fluidas e a preocupação com o outro quase nunca é uma prioridade. Nesse cenário, a falta de empatia pode estar associada à ausência de estímulos que os mesmos encontram nos ambientes familiar e escolar. A partir dessa observação, percebi a necessidade de estimular a empatia em sala de aula, utilizando como um dos recursos os textos literários, objetivando levar os alunos a conhecer e a entender a visão e os sentimentos do próximo e a se colocar no lugar do outro. Pois a habilidade empática é positiva para os jovens, tendo em vista que a mesma pode promover a capacidade de lidar com as diferenças e os conflitos, mesmo que por meio da imaginação, a partir do momento em que eles podem idealizar o sentimento e a dor do seu semelhante.

A preocupação com as capacidades emocionais de crianças e jovens é, também, tema debatido nas propostas dos órgãos públicos que regulam a educação no Brasil. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) identifica três macro competências que precisam ser desenvolvidas na educação básica: as comunicacionais, as cognitivas (que corresponde aos conteúdos das disciplinas) e as socioemocionais. A inserção de habilidades como cooperação, liderança e empatia no texto visa promover uma formação mais integral para os alunos, preparando-os para os desafios do convívio em sociedade e estimulando o respeito à diversidade, a capacidade de diálogo e a criatividade¹.

A leitura de ficção pode ser vista como uma maneira lúdica de estimular a empatia, seja através de romances, novelas, crônicas ou contos, materiais que podem ser utilizados pelos professores com esse propósito, já que a Literatura pode ser trabalhada como um recurso para nos tornar mais sensíveis às dores do mundo, a partir do conhecimento de situações imaginárias.

¹ BNCC. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 02 de março de 2019.

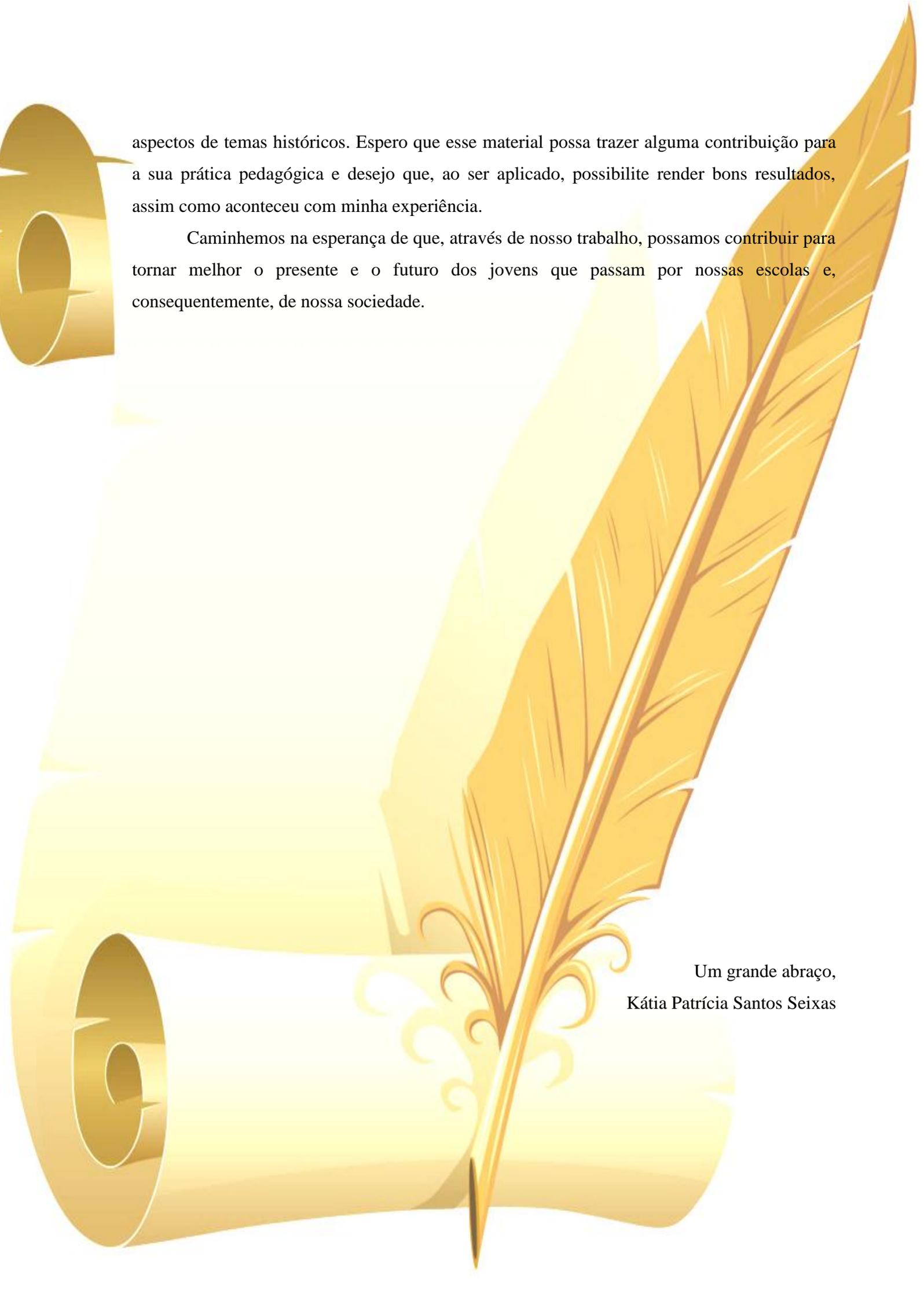


A proposta de intervenção pedagógica delineada neste caderno surgiu da inquietação de perceber que as manifestações de comportamentos intolerantes e preconceituosos ocorridas na escola têm se tornado cada vez mais frequentes. O caderno resultou das experiências desenvolvidas durante o Mestrado Profissional em Ensino de História (PFOFHISTÓRIA), vinculado à Universidade Federal de Sergipe (de março de 2018 a março de 2020). A proposta foi testada com três turmas de segundo ano e duas de terceiro ano do ensino médio, do Colégio Estadual Ivo do Prado, durante a qual os alunos criaram contos que tiveram como inspiração eventos históricos debatidos em sala de aula.

As orientações contidas neste caderno têm como objetivo estimular a prática da empatia, ao possibilitar o acesso a textos que possam levar os jovens a se colocarem no lugar das personagens narradas nas obras literárias. Além de diversificar a análise de fontes históricas em sala de aula com o propósito de proporcionar um ambiente de aprendizagem no qual se desenvolva o estímulo da consciência histórica dos alunos, motivando-os a expor suas ideias, opiniões e dúvidas, favorecendo uma aprendizagem significativa, na qual os indivíduos se baseiem naquilo que já sabem para desenvolver outros aprendizados.

O caderno apresenta a descrição da experiência do trabalho com os contos, através da apresentação de sequências didáticas com a finalidade de socializar os resultados dos estudos realizados e oferecer subsídios para reflexões sobre práticas pedagógicas vivenciadas no cotidiano escolar que objetivam a formação do aluno/cidadão, preparado para viver em sociedade, respeitando a si próprio e ao próximo. Ao considerar que o respeito pelo próximo pode ser estimulado a partir de situações em que os alunos possam imaginar o sentimento do outro ao sofrer uma ação, constatou-se que atividades que despertem capacidades como empatia podem auxiliar os professores a melhorar as relações entre os alunos e tentar reduzir a ocorrência de atitudes desrespeitosas, intolerantes e até violentas entre os mesmos. É disponibilizada, por meio do material, uma lista de contos que podem servir de recurso para o professor que queira utilizar-se da produção literária para trabalhar, durante suas aulas, aspectos de épocas e acontecimentos históricos diversos.

O caderno divide-se em quatro partes. A primeira traz uma reflexão sobre as narrativas históricas e literárias. Em seguida apresenta-se uma breve observação sobre a utilização de sequências didáticas, assim como são exibidas três sequências aplicadas com alunos de segundo e terceiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Ivo do Prado. A terceira etapa traz a análise dos dados, ou seja, dos resultados da aplicação da proposta de intervenção pedagógica. Por fim, na quarta e última parte, é exibida uma lista de contos que podem ser utilizados por professores de História que queiram dispor da produção literária para trabalhar

A golden scroll is partially unrolled, with a quill pen resting on it. The scroll is a vibrant yellow-gold color, and the quill is a darker shade of gold with fine feather details. The background is a soft, light yellow gradient.

aspectos de temas históricos. Espero que esse material possa trazer alguma contribuição para a sua prática pedagógica e desejo que, ao ser aplicado, possibilite render bons resultados, assim como aconteceu com minha experiência.

Caminhemos na esperança de que, através de nosso trabalho, possamos contribuir para tornar melhor o presente e o futuro dos jovens que passam por nossas escolas e, conseqüentemente, de nossa sociedade.

Um grande abraço,
Kátia Patrícia Santos Seixas

SUMÁRIO

1. A NARRATIVA HISTÓRICA E A NARRATIVA LITERÁRIA	08
2. EXPERIÊNCIA COM CONTOS ATRAVÉS DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS	10
SEQUÊNCIA DIDÁTICA I.....	14
SEQUÊNCIA DIDÁTICA II.....	25
SEQUÊNCIA DIDÁTICA III	38
3. LISTA DE CONTOS QUE PODEM SER USADOS COMO AUXÍLIO PARA A COMPREENSÃO DE TEMAS HISTÓRICOS	55
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57

1. A NARRATIVA HISTÓRICA E A NARRATIVA LITERÁRIA

Enquanto a Literatura pode ser vista como o discurso de algo que poderia ter acontecido, a História é, geralmente, colocada como a narrativa dos fatos verídicos. São utilizados conceitos e observações diferenciados. No entanto, os discursos literário e histórico são formas diferentes de dizer o real. Ambos são representações construídas sobre o mundo e que traduzem sentidos e significados inscritos no tempo. Entretanto, as narrativas histórica e literária guardam com a realidade distintos níveis de aproximação. Pois, conforme Circe Bittencourt², existe uma responsabilidade da narrativa histórica que é diversa daquela de caráter ficcional e não pode ser abolida. E tal responsabilidade deve ser estendida, também, para o ensino.

O uso da Literatura como fonte para a análise de temas históricos tem sido assunto há muito debatido entre historiadores. Essa aproximação entre História e Literatura pode ser percebida a partir da análise de romances e contos históricos, retirando dos mesmos, expressões, características e traços de determinadas sociedades. Tendo como base essas considerações, serão utilizados contos como mais uma ferramenta para a prática da análise histórica, pois a leitura de textos literários, reservando suas especificidades artísticas, pode nos oferecer pistas, referências do modo de ser, viver e agir de pessoas, dos valores e costumes de uma determinada época.

Seja através do conto ou quaisquer outros gêneros, existem características que são próprias da Literatura, entre elas podemos destacar a capacidade de fazer surgir no leitor empatia pelos personagens narrados e reflexão sobre situações que ainda não vivenciou, mas que são possíveis, levando-o a compreender melhor seu semelhante. Nesse sentido, concordo com o dito popular que afirma que “ler não muda o mundo, mas muda as pessoas e as pessoas mudam o mundo”. Seja por meio da Literatura ou qualquer outro meio, o exercício da empatia é um bom passo para a melhoria das relações sociais e compreensão do outro. Esse exercício pode ser praticado através da leitura de ficção, pois, por meio dela, podemos desenvolver empatia por alguém que não conhecemos, mas que ainda assim, mesmo de um modo imaginativo, identificamo-nos, visto que as personagens ficcionais podem ser analisadas como semelhantes a nós, com sentimentos parecidos. Dessa forma, a produção literária, seja através de contos, poemas, crônicas, romances ou novelas pode criar um senso de igualdade e identificação por meio do envolvimento do leitor com a narrativa.

² BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo. Cortez Editora, 2018; 5ª edição.

Tanto a História quanto a Literatura podem ser identificadas como formas de explicar o presente, possibilitar um olhar sobre o passado e imaginar o futuro. Valem-se de estratégias retóricas para construir análises e narrativas sobre os fatos dos quais se propõe falar. Nesse sentido, a Literatura é uma manifestação cultural que vai além de uma mera representação artística, ela possibilita o registro de realidades baseadas na visão de mundo de cada autor. Aproximando-se, dessa maneira, da História por ambas serem apresentadas como formas de discursos.

O historiador se utiliza, assim como o escritor de ficção, da narrativa. No entanto, ele precisa reunir dados, estabelecer conexões entre eles, confrontar as fontes, para, enfim, convencer o leitor, objetivando oferecer uma versão o mais próxima possível do real acontecido, seguindo regras próprias da disciplina. Dessa maneira, ele pode dar visibilidade a personagens históricos e colocá-los como agentes da História. É com a interação com outras disciplinas, a exemplo da sociologia, da linguística e da etnologia que a História pode inventar questões novas e forjar instrumentos de compreensão mais rigorosos. Sendo esse passado uma realidade exterior ao historiador, este conhecimento pode ser controlado pelo mesmo que buscará, através do uso das fontes, respostas para explicar a sua realidade.

Essa relação entre a História e a Literatura também é tema trabalhado por Hayden White³ que conclui que aquilo que o historiador produz são interpretações dos vestígios do passado e que essas interpretações podem assumir variadas formas, tendo como ponto em comum o fato de serem apresentadas através de narrativas, pois, conforme esse autor, “onde não há narrativa, não existe discurso distintivamente histórico”. Nesse sentido, a História é, antes de qualquer coisa, um produto verbal, fruto de um tipo especial de uso da linguagem que resulta numa narrativa, que pode ser apresentada de quatro maneiras: seja por meio da metáfora (baseada no princípio da similitude), da metonímia (baseada no princípio da proximidade), da sinédoque (baseada na identificação de partes de uma coisa como pertencendo a um todo) e da ironia (baseada na oposição). Ao destacar que essas figuras de linguagem podem ser identificadas nos discursos históricos, White demonstra a aproximação destes com a narrativa ficcional. Para o autor, o historiador faz uso da imaginação para atribuir sentido à sua leitura documental, para isso ele realiza uma operação literária quando transforma sua visão acerca do evento estudado em narrativa. No entanto, é de fundamental importância entender que o historiador constrói seu discurso como um cientista, não como um romancista.

³ WHITE, Hayden. Meta-História. A imaginação histórica do século XIX. Trad. José Laurênio de Melo. 2ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

Na sala de aula, o professor pode utilizar-se dessa aproximação entre a História e a Literatura e planejar atividades que possibilitem estimular, de forma lúdica, a consciência histórica e a participação ativa dos alunos. Através dessas atividades, pode ser possível apelar para a sensibilidade dos leitores, levando-os a associar a ficção com o mundo concreto, o fantasioso com a realidade que o rodeia e com seus conhecimentos históricos. Além de estimular a empatia, possibilitar a descrição de características de uma sociedade e incentivar a sensibilidade para a compreensão de eventos históricos, a prática da leitura de ficção em sala de aula é capaz de estimular o gosto pela leitura e pela escrita. Para que essa metodologia possa repercutir em bons resultados é necessário que o professor organize suas atividades de forma ordenada, tendo em mente os objetivos, o público alvo, os procedimentos, os recursos, as habilidades e valores a serem priorizados e os tipos de verificações de aprendizagem que serão utilizados.

2. EXPERIÊNCIA COM CONTOS ATRAVÉS DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

Uma característica marcante desse início do século XXI é o grande poder de influência exercido pelos meios de comunicação, especialmente após a popularização do uso da internet. Os indivíduos têm acesso constante a informações, seja através da TV, por meio de celulares ou computadores e essa particularidade do mundo atual afeta diretamente a escola e as relações de aprendizagem. O aluno não é mais um mero receptor de conhecimentos que são proporcionados pelos professores, ele recebe uma enxurrada de informações constantes por meio de seu contato com o mundo virtual e as relaciona com o que aprende na escola.

Para que o processo de ensino e aprendizagem seja mais eficaz é importante colocar o aluno como protagonista na busca pelo conhecimento. Nesse sentido, convém destacar as orientações de Isabel Alarcão⁴ acerca da ideia de que é preciso que os alunos abandonem os papéis de meros receptores de informações e descubram o prazer de ser uma mente ativa e não apenas receptiva e percebam que através do conhecimento ele compreenderá melhor o mundo, as instituições e a sociedade. Para que isso aconteça é necessário que os alunos desenvolvam a autonomia de interagir com o conhecimento, de realizar pesquisas e de resolver os problemas que lhes sejam propostos pelos professores, fortalecendo, dessa maneira, seus espíritos críticos.

⁴ ALARCÃO, Isabel. Professores reflexivos em uma escola reflexiva. 8ª edição. São Paulo: Cortez, 2011. Coleção Questões da Nossa Época.

A utilização de contos em sala de aula é feita no intuito de estimular o debate sobre temas históricos da contemporaneidade e incentivar comportamentos empáticos, pois acredito que tanto a História, quanto a Literatura possibilitam que os estudantes aprendam a ler o mundo, a entender as relações sociais e, mais ainda, a se perceberem como parte da humanidade. Objetivando a análise de aspectos da História contemporânea nacional, selecionei o conto “Eu, um homem correto” (1977), de Murilo Antônio de Carvalho, através do qual é possível se discutir a permanência de comportamentos racistas na sociedade brasileira e suas consequências nefastas. Além do conto “Porque hoje é sábado”(2016), de Maria José Silveira, para refletir sobre a repressão política sofrida por opositores do governo entre as décadas de 1960 e 1980. Trabalhando com ambas as obras, buscou-se enfatizar a necessidade do respeito ao outro, por suas características e formas de pensamento.

Fora do contexto nacional, escolhi o conto “O medo” (1944), escrito pela alemã Anne Frank, o qual apresenta um relato de uma adolescente que sobreviveu a um bombardeio na cidade em que vivia, durante a II Guerra Mundial. Através da obra, pretendeu-se levar os alunos a refletirem sobre os horrores provocados pela guerra e imaginarem o sofrimento daqueles que foram obrigados a passar por esse conflito. Além de estimular o uso do diálogo como prioridade para resolver os problemas entre os mesmos, rechaçando, dessa maneira, o uso da violência.

Selecionados os contos, faz-se necessária uma reflexão sobre a maneira através da qual esses recursos serão trabalhados. Tendo em vista que um bom planejamento é condição essencial para o possível sucesso de situações de aprendizagem, percebe-se que mesmo que queiramos incentivar a autonomia dos alunos nesse processo é importante que se possa trabalhar de forma sistematizada e organizada. Por isso é preciso planejar as ações pedagógicas no intuito de proporcionar momentos que fomentem a interação e a aprendizagem, mantendo o interesse e, assim, a atenção dos alunos nas tarefas propostas pelo professor. Nesse sentido, percebo as sequências didáticas como uma maneira eficaz de organizar propósitos pedagógicos, tendo em vista que a aprendizagem é uma construção pessoal que cada indivíduo realiza a partir de seus conhecimentos prévios e através de seu contato com o meio e com a ajuda de outros sujeitos.

Podemos definir sequências de atividades de ensino/aprendizagem ou sequência didática como uma forma de organizar um seguimento de atividades pedagógicas no decorrer de um período escolar. Conforme Antoni Zabala⁵, “as sequências podem indicar a função que

⁵ ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar; tradução Ernani da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

tem cada uma das atividades na construção da aprendizagem de diferentes conteúdos”, o que pode possibilitar ao professor a organização de ações que objetivem levar os alunos à aquisição de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, baseado na análise de diferentes formas de intervenção segundo as atividades que se realizam e, principalmente, através do sentido que adquirem quanto a uma sequência orientada para a realização de determinados objetivos educativos.

Nessas sequências, enfatizei o estímulo a valores como a tolerância, a aceitação das diferenças, a liberdade, a igualdade e o respeito. Por isso percebi a necessidade de proporcionar, aos alunos, atividades que possibilitem o diálogo, a defesa de diferentes pontos de vista, o debate e a convivência harmoniosa de opiniões discrepantes a partir da análise de situações fictícias que representam exemplos de preconceito e violência. Sendo assim, todas as sequências didáticas aqui propostas têm como objetivo o trabalho com a fonte literária como ferramenta para o estímulo do comportamento empático e da análise histórica, direcionando os alunos para a efetivação de aprendizagens significativas que podem levá-los a refletir sobre condutas que possibilitam um bom convívio em sociedade e a melhoria da relação entre todos que compõem o ambiente escolar. Não afirmo que a aplicação desta proposta garantirá um ambiente mais harmônico, apenas considero que atividades que estimulem a empatia podem incentivar a reflexão e levar os alunos a analisarem o comportamento do outro e mais, seu próprio comportamento.

Para uma melhor compreensão de todas as etapas da aplicação dessa proposta de intervenção pedagógica, identifiquei três sequências didáticas que foram aplicadas com alunos de segundo e terceiro anos do ensino médio do Colégio Estadual Ivo do Prado, assim como informações sobre resultados de suas aplicações e exemplos de considerações de alguns dos envolvidos e suas respectivas produções. Apesar de não ser possível mensurar a empatia, através das respostas apresentadas nos questionários e nos debates ocorridos, foi possível perceber que a leitura dos textos literários em sala de aula levou a grande maioria dos alunos a refletir sobre as narrativas, a comparar a ficção com o mundo real e se sensibilizar com as situações descritas nos textos e até relatar fatos de suas vivências que se aproximam de algumas situações narradas nos contos selecionados.

Sabemos que não é uma tarefa tão simples, querer que os alunos assumam valores como respeito, tolerância e aceitação da diversidade de forma constante, especialmente se esses valores não vêm sendo incentivados com frequência no ambiente familiar. No entanto, estimular esses tipos de comportamentos exige a presença, em aula, de um clima em que se atue de acordo com esses princípios. E esse clima pode ser proporcionado, em parte, através

de atividades que impliquem em conviver harmoniosamente e que proponham tarefas em que seja necessário aceitar as diferenças, sejam elas físicas, comportamentais ou de pensamento. Com esse propósito, criamos as três sequências didáticas que estão apresentadas a seguir e que foram aplicadas durante o ano letivo de 2019, em turmas de segundo e terceiro ano do ensino médio, do Colégio Estadual Ivo do Prado e resultou no surgimento de debates variados sobre os temas estudados e as consequências destes eventos históricos para a sociedade atual. Assim como possibilitou perceber que com um direcionamento planejado, conseguimos estimular os alunos a expor seus pontos de vista sobre problemas sociais e a produzir narrativas que aliaram a pesquisa histórica e a criatividade.

O objetivo principal dessa proposta é trabalhar os contos em sala de aula como ferramenta para o estímulo da empatia e para a análise de temas históricos, apresentando os contos selecionados para essa finalidade, os conteúdos que podem ser trabalhados através dos mesmos e os planejamentos para essa prática. Esses planejamentos se darão a partir da elaboração de sequências didáticas que podem ser entendidas como um modo de organizar uma sucessão de atividades pedagógicas no transcorrer de um período escolar⁶. Após a apresentação das sequências didáticas, são demonstrados alguns resultados dessas aplicações.

⁶ ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar; tradução Ernani da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA I

“OLHARES SOBRE A GUERRA”. REFLEXÕES SOBRE A II GUERRA MUNDIAL A PARTIR DE NARRATIVAS HISTÓRICAS E FICCIONAIS.

OBJETIVO

Estimular a empatia com relação aos sujeitos históricos que vivenciaram a II Guerra Mundial, usando como ferramentas a narrativa histórica, o conto “O Medo” e o vídeo “Minha Querida Anne Frank”. A partir dessa sensibilização, espera-se que o aluno desenvolva a compreensão, posicione-se com relação ao conflito e use a criatividade para expor seus olhares e sentimentos sobre os sofrimentos causados pela guerra.

DESTINATÁRIOS

Alunos do terceiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Ivo do Prado, situados na faixa etária entre 16 e 19 anos.

QUANTIDADE DE AULAS ESTIMADAS

Quatro aulas com duração de cinquenta minutos.

HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

- Praticar a empatia;
- Compreender consequências do conflito conhecido como II Guerra Mundial;
- Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência;
- Criar um texto ficcional, em formato de conto que apresente um ponto de vista sobre a II Grande Guerra, a partir da pesquisa histórica.

VALORES PRIORIZADOS

- Tolerância⁷;
- Direitos Humanos⁸;
- Respeito;⁹
- Paz¹⁰.

RELAÇÃO SUGERIDA COM OS CONTEÚDOS SUBSTANTIVOS PRESCRITOS NO CURRÍCULO ESCOLAR EM VIGOR

Esta sequência cumpre a orientação contida no Referencial Curricular da Rede Estadual de Ensino de Sergipe que elenca, entre os assuntos que devem ser abordados para as turmas do terceiro ano do ensino médio, a II Guerra Mundial. Ao elencar esse tema, o referencial destaca a necessidade de levar os alunos a identificar, compreender e comparar diferentes pontos de vista ou interpretações históricas sobre o mesmo. Por meio da análise histórica e da Literatura, exploramos as angústias que podem ser vivenciadas por vítimas de guerras.

⁷ Com o intuito de regularizar e organizar a educação brasileira, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) está baseada em princípios presentes na Constituição Federal. O artigo 3º de sua versão mais recente, a de 1996, apregoa que o ensino será ministrado em princípios como o respeito à liberdade e apreço à tolerância. Retirado de: CARNEIRO, Moaci Alves. LDB fácil: leitura crítico-compreensiva: artigo a artigo. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

⁸ Entre as orientações contidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino médio está a necessidade da educação escolar estimular os respeito aos Direitos Humanos como direito universal. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/docman/novembro-2018-pdf/102481-rceb003-18/file>. Consultado em 02/08/2018.

⁹ O Referencial Curricular do Ensino Médio do Estado de Sergipe destaca que o ensino de História pode desempenhar um papel importante no processo de desenvolvimento da empatia, ao estimular, entre os alunos, o reconhecimento de si e o respeito aos outros. Disponível em https://www.seed.se.gov.br/arquivos/Referencial%20Curricular_final.pdf. Acesso em 02 de março de 2019.

¹⁰ Conciliados com a LDB, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) orientam, em seus direcionamentos acerca dos fundamentos estéticos, políticos e éticos do novo Ensino Médio brasileiro, o estímulo à política de igualdade no âmbito das relações pessoais, no qual questões como igualdade entre homens e mulheres, os direitos humanos e a eliminação da violência passam a ser decisivos para a convivência integradora.

Ao levar os alunos a se imaginarem na situação vivida pelos agentes históricos que vivenciaram a II Grande Guerra, o professor estará seguindo orientações contidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM). Pois, com base nessas regulamentações, percebemos que trabalhar o estímulo ao respeito e a empatia em sala de aula, utilizando-se da narrativa histórica e ficcional, objetivando a exposição de variados pontos de vista, é uma iniciativa positiva para que a atividade do docente esteja pautada nas normativas nacionais e colabore para a formação de um indivíduo consciente, respeitoso e empático.

RECURSOS EMPREGADOS

- Livro didático;
- Notebooks;
- Data Show;
- Material impresso: conto “O Medo”.
- Vídeo: “Minha Querida Anne Frank” (editado para fins didáticos). Colorido. Com duração de 33 minutos.

DESCRIÇÃO DA FONTE PRINCIPAL

Nessa atividade será trabalhado o conto “O Medo”, escrito em 1944, pela alemã Annelies Marie Frank (1929-1945), mais conhecida como Anne Frank, e incluído na coletânea que deu origem ao livro “Contos do Esconderijo”, publicado em 1982. Esta obra inclui textos originalmente excluídos de “O diário de Anne Frank”.

O conto é narrado por uma adolescente que vivencia uma das características mais traumatizantes da II Guerra mundial, os bombardeios de cidades europeias e o medo constante da morte. Esse medo da morte é algo partilhado, também por muitos adolescentes que frequentam nossas escolas hoje, especialmente aqueles que estudam em escolas localizadas na periferia, onde o índice de criminalidade é alto, que precisam utilizar o transporte coletivo, alvo constante de assaltos e que, em muitos casos, presenciam cenas de violência e desrespeito dentro de seus próprios lares.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Essa atividade consiste em explorar a narrativa histórica, a produção literária, a partir do conto “O Medo” e o vídeo editado “Minha Querida Anne Frank” no intuito de despertar, entre os alunos, a empatia com relação àqueles que vivenciaram os efeitos da II Guerra Mundial e levá-los a se posicionar com relação à defesa dos Direitos Humanos e a produzir um texto, identificando seu ponto de vista sobre o conflito. Pretendendo atingir esses objetivos, dividimos a sequência em quatro etapas:

PRIMEIRA ETAPA

Em primeiro lugar, o professor pode fazer a apresentação dos conteúdos referentes à II Guerra Mundial através de aula expositiva com utilização do livro didático, exposição de fotografias da época e de um trecho editado do filme “Minha Querida Anne Frank”. Após essa prática, o professor deve proporcionar, aos alunos, o acesso ao conto impresso e fazer a leitura do mesmo em sala de aula.

Nesse momento inicial, o ideal é que a leitura seja compartilhada. Cabe ao professor decidir se faz a leitura em voz alta ou pede para que cada aluno leia uma parte do texto. Ao final da leitura, os alunos devem ser incentivados a apresentar suas impressões sobre o que é “vivenciado” pelas personagens, além de identificar os aspectos históricos contidos na narrativa. Através dessa atividade, a empatia dos leitores com relação às personagens pode ser incentivada.

SEGUNDA ETAPA

O professor deve estimular os alunos a criar seu próprio conto, tendo em vista as considerações listadas¹¹:

¹¹ É característica desse trabalho replicar essa etapa em todas as sequências apresentadas, modificando apenas os conteúdos substantivos e, conseqüentemente, informações referentes ao tempo e ao espaço.

- O conto pode ter como marco temporal o período de ocorrência da II Guerra Mundial (1939-1945). No entanto, o aluno pode escolher outro período, contanto que o tema central seja a guerra;
- Deve apresentar alguma característica do conteúdo trabalhado em sala de aula. O aluno pode escolher entre os motivos geradores da guerra, os regimes totalitários, o antissemitismo, os bombardeios, os embates diretos, o pós-guerra, dentre outros;
- O texto deve conter introdução, desenvolvimento e conclusão. Sendo assim, a história criada precisa apresentar um desfecho compreensível aos leitores;
- O aluno pode introduzir personagens históricos no conto, interligando-os com as personagens fictícias;
- Acontecimentos da atualidade podem ser citados no conto, desde que haja interligação com a narrativa criada;
- O aluno poderá utilizar depoimentos de sobreviventes de conflitos bélicos, pesquisas nos livros didáticos, jornais, revistas ou na internet para a composição de seu texto.

TERCEIRA ETAPA

Os alunos devem ser orientados a relacionar o conto “O Medo” e a II Guerra Mundial e a expor os sentimentos que foram despertados a partir dessa leitura. Nesse momento pode ser utilizado um questionário¹² constando as seguintes perguntas:

- 1- Quais aspectos da guerra podem ser identificados através da leitura do conto “O Medo”?
- 2- Que tipo de sentimento a história da personagem do conto “O Medo” despertou em você? Justifique sua resposta:
- 3- A leitura do conto e a análise do vídeo “Minha Querida Anne” fez você ter a mesma impressão sobre a vivência de Anne Frank durante a II Guerra Mundial? Justifique sua resposta:

¹² Esse conjunto de orientações será comum em nossas sequências, pois, por meio do questionário proposto, o professor poderá identificar, através das respostas dos alunos, a relação apontada entre o conto e o conteúdo estudado em sala de aula. Além de constatar os sentimentos provocados pela leitura do texto.

- 4- A experiência da personagem do conto “O Medo” fez você lembrar de eventos que ocorrem em nosso país na atualidade? Justifique sua resposta:
- 5- Quais aspectos da II Guerra Mundial podem ser identificados no conto?

QUARTA ETAPA

O professor deve orientar os alunos para apresentarem os textos que construíram, destacando para a turma que nesse momento é essencial que todos respeitem a fala do colega e não atrapalhem sua apresentação.

PROPOSTAS DE AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM

O professor avaliará essa atividade a partir das respostas expostas pelo aluno no questionário proposto na terceira etapa dessa sequência. Especialmente a explicação da segunda questão, pois, com essa análise será possível verificar se a experiência narrada no conto “O Medo” despertou a compreensão das emoções vivenciadas pela sua personagem.

Através da análise dos textos criados, o professor pode observar se o aluno demonstrou uma tomada de posição, ao utilizar o passado para resolver ou entender um problema da vida prática. Neste caso, compreender vivências daqueles que testemunharam a II Guerra Mundial e construir um material lúdico que possa levar à reflexão.

PROVÁVEIS RESULTADOS

Espera-se que o aluno consiga se colocar no lugar dos sujeitos históricos apresentados nas aulas e que tente compreender as ações destes a partir da análise do contexto em que esses indivíduos estavam inseridos. Além disso, supõe-se que a experiência narrada pela adolescente no conto “O Medo” possa despertar a empatia e que, com essa atividade, atitudes como respeito, alteridade e solidariedade sejam estimuladas no cotidiano escolar.

Ao direcionar os alunos na construção do próprio conto, baseados em um conteúdo substantivo, almeja-se que os mesmos partam de seus conhecimentos prévios, agreguem os conhecimentos adquiridos em sala de aula, os resultados de suas pesquisas e suas capacidades criativas, e desenvolvam uma aprendizagem de forma ativa e significativa¹³.

ADAPTAÇÃO PARA OUTROS DESTINATÁRIOS

Trabalhando com alunos de sextos anos que estão, geralmente, numa faixa etária que varia entre os 10 e 12 anos, o professor pode se deparar com situações em que os jovens tenham dificuldade de demonstrar, através de um texto ficcional, seus entendimentos sobre o que foi estudado em sala de aula. Nesse caso, invés de criar um conto, o aluno pode fazer uma ilustração para representar o momento histórico estudado ou a experiência da(s) personagem(s) literária(s) explorada(s) na classe.

Com alunos do sétimo ao nono ano é possível pedir que identifiquem, no conto, elementos, personagens ou fatos característicos da II Guerra Mundial e, logo após, descrevam esses elementos.

Já ao aplicar essa sequência com jovens que estejam cursando o ensino médio, o professor pode propor que criem um conto com a mesma temática. Partindo do pressuposto de que esses alunos já podem desenvolver mentalmente, por meio da interação e da troca de experiências, a habilidade de representação imagética dos eventos históricos, eles podem demonstrar essa capacidade reflexiva através do uso da escrita.

APÊNDICE

O MEDO

25 de março de 1944

FRANK, Anne. Contos do Esconderijo. São Paulo. Editora Círculo do Livro, 1986.

¹³ A aprendizagem significativa ocorre quando uma nova informação ancora-se em conceitos ou proposições expressivas que o indivíduo já conhece. Esse processo se caracteriza basicamente pela interação entre novos conhecimentos e aqueles especificamente relevantes já existentes na estrutura cognitiva do aprendiz (MOREIRA, 2011, p. 19).

Era uma época terrível aquela em que eu vivia. A guerra devastava tudo ao nosso redor e ninguém sabia se estaria vivo no momento seguinte. Meus pais, irmãos, irmãs e eu fomos morar na cidade, mas esperávamos ser evacuados ou ter que fugir de alguma outra maneira. De dia o barulho dos canhões e dos tiros de fuzis era praticamente ininterrupto e as noites eram, de forma misteriosa, repletas de centelhas e explosões repentinas que pareciam vir de alguma profundidade desconhecida. Não sou capaz de descrevê-la; não me lembro muito claramente daquela agitação, mas sei que eu ficava o dia inteiro presa nas garras do medo. Meus pais tentavam de tudo para me acalmar, mas não adiantava. Não sentia nada, nada a não ser medo; não conseguia comer nem dormir – o medo se aferrava ao meu pensamento e ao meu corpo e me fazia tremer. Isso perdurou por cerca de uma semana; veio então uma noite e uma madrugada das quais eu me lembro como se fosse ontem.

Às 20h30, quando a fuzilaria aos poucos tinha parado, eu estava deitada no sofá em meio a um estado de sonolência. Subitamente fomos surpreendidos por duas explosões violentas. Como se tivéssemos sido cravados com punhais, nos levantamos de um salto e corremos para o vestibulo. Até mamãe que normalmente era tão calma ficou pálida. As explosões se repetiam em intervalos bem regulares. Aí então: um estrondo terrível, o ruído de muitos vidros quebrados e um coro ensurdecedor de berros e gritos estridentes. Vesti apressadamente as roupas mais pesadas que pude encontrar, joguei algumas coisas dentro de uma mochila e corri. Corri o mais rápido que pude, continuei correndo para me afastar daquela massa que ardia ameaçadoramente ao meu redor.

Por toda parte pessoas corriam gritando de um lado para o outro; a rua era iluminada por uma incandescência vermelha assustadora. Não pensei em meus pais ou em minhas irmãs e irmãos. Meus pensamentos estavam concentrados em mim e sabia que precisava correr, correr, correr! Não sentia cansaço; meu medo era forte demais. Não percebi que havia perdido minha mochila. Tudo o que sentia e sabia era que não podia parar de correr.

Não seria capaz de precisar o quanto continuei correndo com a imagem das casas queimando, das pessoas desesperadas e seus rostos desfigurados diante de mim. Senti então que tudo havia ficado mais calmo. Olhei em volta e, como se estivesse acordando de um pesadelo, vi que não havia nada nem ninguém atrás de mim. Não havia fogo, bombas e nem pessoas. Olhei mais atentamente e descobri que estava numa campina. Lá em cima as estrelas cintilavam e a lua resplandecia; o tempo estava magnífico, fresco, mas não frio.

Não ouvia som algum. Exausta, sentei-me na grama; depois estendi o cobertor que havia trazido comigo e deitei-me sobre ele. Olhei para o céu e percebi que não tinha mais medo; ao contrário, sentia muita paz interior. O engraçado era que eu não pensava em minha família,

nem ansiava por eles; ansiava apenas por descanso, e não demorou muito para que eu adormecesse na grama, sob as estrelas.

Quando acordei o sol estava nascendo. Soube logo onde estava; reconheci à luz do dia as casas nos arredores de nossa cidade. Esfreguei os olhos e dei uma boa olhada em volta. Não havia ninguém ao alcance da vista; os dentes-de-leão e os trevos na grama eram minhas únicas companhias. Deitada de costas sobre o cobertor fiquei cismando, por algum tempo, sobre o que fazer a seguir. Mas meus pensamentos se desviavam do assunto e voltavam para a sensação deliciosa da noite anterior, quando me sentei na grama e não senti mais medo.

REFERÊNCIAS

- BARCA, Isabel. O pensamento histórico dos jovens. Braga: Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia. Centro de Estudos em Educação e Psicologia, 2006.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo. Cortez Editora, 2018; 5ª edição.
- _____. (org) O saber histórico em sala de aula. São Paulo: Contexto, 2003, 8ªed.
- CERRI, Luís Fernando. Ensino de história e consciência histórica. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- FRANK, Anne. Contos do esconderijo. São Paulo. Editora Círculo do Livro, 1986.
- FONSECA, Selva Guimarães. Didática e prática de ensino de História: Experiências, Reflexões e Aprendizado. Papiros, Campinas – SP 2003.
- GERALDI, João Wanderley. O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 1977.
- HUNT, Lynn. A invenção dos direitos humanos: uma história. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MOREIRA, Marco Antonio. Aprendizagem significativa: a teoria e textos complementares. São Paulo. Editora Livraria da Física, 2011.
- NIKITIUK. Sônia M. Leite (org). Repensando o ensino de História- 3ªed. São Paulo. Cortez, 2001.
- RUSEN, Jorn. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. Práxis Educativa. Ponta Grossa, PR. V.1, n.2, p.07 - 16, jul. -dez. 2006.
- VIGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BNCC. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 02 março de 2019.
- SERGIPE. Secretaria de Estado da Educação. Referencial Curricular: Rede Estadual de Ensino de Sergipe. Disponível em http://www.seed.se.gov.br/arquivos/Referencial1%20Curricular_final.pdf. Acesso em 02 de março de 2019.

INDICAÇÃO DE SITES, VÍDEOS:

https://www.youtube.com/watch?v=7lz_kIsUfDw (Minha Querida Anne Frank, editado para fins didáticos). Com duração de 33 minutos, traz trechos do filme original que destacam os principais momentos da vida de Anne Frank.

<https://www.youtube.com/watch?v=Chh79TeaueA> (A Guerra Relâmpago- Blitzkrieg). Com duração de 47 minutos, apresenta a força de destruição nazista através da prática da Blitzkrieg.

<https://www.youtube.com/watch?v=dpSwM0c5Dak> (O Brasil na Segunda Guerra Mundial). Com duração de 47 minutos, mostra a participação do Brasil na II Guerra Mundial.

<https://www.youtube.com/watch?v=BztIV0ThVR8> (O holocausto: a sua origem, como foi planejado e executado. Com duração de 15 minutos e 42 segundos, indica fatores que colaboraram para a ocorrência do holocausto.

INDICAÇÃO DE FILMES

- Filhos da Guerra, 1991. Colorido. Duração 1h e 50 min. Origem: França e Alemanha.
- A Lista de Schindler, 1993. Preto e branco. Duração 3h e 15min. Origem: EUA.
- Sunshine, o Despertar de um Século, 1999. Colorido. Duração 2h e 59 min. Origem: EUA, Alemanha e Hungria.
- Pearl Harbor, 2001. Colorido. Duração 2h e 58 min. Origem: EUA.
- O Pianista, 2002. Colorido. Duração 2h e 28 min. Origem: França, Alemanha, Reino Unido, Polônia.
- O Menino do Pijama Listrado, 2008. Colorido. Duração 1h e 30 min. Origem: Reino Unido, EUA.
- A menina que roubava livros, 2013. Colorido. Duração 2h e 11 min. Origem: EUA e Alemanha.
- Estrada 47, 2013. Colorido. Duração 1h e 45 min. Origem: Brasil, Portugal, Itália.
- Corações de Ferro, 2014. Colorido. Duração 2014. Origem: EUA.
- O Jogo da Imitação, 2014. Origem: EUA. Colorido. Duração 1h e 55 min. Origem: EUA.
- Dunkirk- 2017. Colorido. Origem: França, Inglaterra, EUA. Duração 1h 47min. Origem: Reino Unido, França, EUA, Países Baixos.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA II

“SOMOS TODOS IGUAIS, BRAÇOS DADOS OU NÃO”: O CONTO “PORQUE HOJE É SÁBADO” E O OLHAR SOBRE OS “SUBVERSIVOS” EM NARRATIVAS SOBRE A DITADURA CIVIL MILITAR NO BRASIL

OBJETIVO GERAL

Estimular a compreensão, a empatia e o posicionamento a partir da análise de narrativas históricas e ficcionais sobre a Ditadura Civil Militar no Brasil, utilizando o documentário “Os Advogados Contra a Ditadura” e o conto “Porque hoje é sábado”. Com o auxílio desta atividade, os alunos devem ser capazes de compreender e refletir sobre aspectos históricos desse período e posicionar-se com relação ao autoritarismo e à defesa dos Direitos Humanos.

DESTINATÁRIOS

Alunos do terceiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Ivo do Prado, situados na faixa etária entre 16 e 19 anos.

QUANTIDADE DE AULAS ESTIMADAS

Quatro aulas com duração de cinquenta minutos cada.

HABILIDADES

- Refletir sobre o significado da tortura durante a ditadura civil militar e as violações de direitos humanos;
- Conviver harmoniosamente com aqueles que apresentam opiniões diferentes;
- Praticar a empatia;
- Comparar violações aos direitos humanos durante a vigência da Ditadura Civil Militar no Brasil e na atualidade;

- Criar textos de ficção que apresentem pontos de vista sobre eventos históricos.

VALORES

- Direitos Humanos;
- Respeito;
- Liberdade de expressão;
- Justiça.

RELAÇÃO SUGERIDA COM OS CONTEÚDOS SUBSTANTIVOS PRESCRITOS NO CURRÍCULO ESCOLAR EM VIGOR

Esta sequência didática objetiva trabalhar com o conteúdo substantivo “A Ditadura Civil Militar no Brasil”, elencado no Referencial Curricular da Rede Estadual de Ensino de Sergipe¹⁴ como tema que deve ser trabalhado entre os alunos do nono ano do ensino fundamental e do terceiro ano do ensino médio.

RECURSOS EMPREGADOS PELOS ALUNOS

- Livro didático;
- Fotografias;
- Notebooks;
- Data Show;
- Material impresso: conto “Porque hoje é sábado”.

¹⁴ O Referencial Curricular da rede Estadual de Ensino de Sergipe orienta que ao se trabalhar com o conteúdo Ditadura Civil-Militar no Brasil, o professor deve caracterizar os governos militares (1964-85): analisando o uso da repressão / investigação (SNI), a censura o bipartidarismo: ARENA X MDB, o “milagre econômico”- crescimento sem distribuição de renda e aumento da dívida externa, as prisões / tortura / exílio e a oposição armada ao regime militar: guerrilha urbana e rural. Retirado de SERGIPE. Secretaria de Estado da Educação. Referencial Curricular: Rede Estadual de Ensino de Sergipe. Disponível em http://www.seed.se.gov.br/arquivos/Referencial1%20Curricular_final.pdf. Acesso em 02 de março de 2019.

DESCRIÇÃO DA FONTE PRINCIPAL

O conto “Porque hoje é sábado” foi escrito por Maria José Silveira¹⁵, e publicado no livro “Felizes poucos: onze contos e um curinga”, em 2016. Através desta obra, a escritora tenta recriar, em seu universo, aspectos da experiência da ditadura civil militar, iniciada no Brasil em 1964, a partir dos dramas vividos por suas personagens.

Usamos os elementos do conto, especialmente a visão de uma garota de seis anos, acerca da atuação de militares contra sua família, para trabalhar a repressão contra os chamados subversivos (militantes que protagonizaram momentos de resistência e luta por ideais em favor da transformação social). O texto apresenta, também, como os sonhos desses jovens são interrompidos, repelidos e rechaçados, devido a perseguições, prisões e torturas.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Esta sequência didática permite ao professor trabalhar com os alunos o conteúdo substantivo “Ditadura Civil Militar no Brasil”, explorando narrativas históricas e o conto “Porque Hoje é Sábado”, possibilitando a reflexão sobre a prática da tortura e as violações dos direitos humanos.

ETAPAS

PRIMEIRA ETAPA

Após a apresentação didática dos conteúdos sobre a Ditadura Civil Militar no Brasil, com aula expositiva, utilização do livro didático, apresentação de fotografias da época e de parte do documentário “Os Advogados Contra a Ditadura¹⁶”, o professor deve proporcionar, aos alunos, o acesso ao conto impresso e fazer a leitura do mesmo em sala de aula. Nesse

¹⁵ Maria José Silveira é uma escritora, tradutora e editora goiana, autor. Estudou na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília - UnB. Mudou-se para São Paulo, em 1969, e começou a trabalhar como redatora publicitária. Ao lado do marido, em 1971, entra para a clandestinidade, ambos acusados de desenvolver atividades subversivas, pela ditadura civil militar. Dois anos depois é obrigada a exilar-se no Peru, onde ingressa no curso de antropologia da Universidad Nacional Mayor de San Marcos, em Lima. De volta ao Brasil, em 1976, mora no Rio de Janeiro, fixando-se em seguida em São Paulo, onde faz pós-graduação em ciências políticas na Universidade de São Paulo - USP. Funda, em 1980, com Felipe Lindoso (1949) e o escritor Márcio Souza (1946), a Editora Marco Zero, na qual é diretora até 1998. (SILVEIRA, 2016, p.09).

¹⁶ Os advogados contra a ditadura: por uma questão de justiça. Direção de Sílvio Tandler. Produção de Maycon Almeida. Caliban Produções Cinematográficas. Brasil: 2014, duração de 130 minutos.

momento inicial, o ideal é que a leitura seja compartilhada. Cabe ao professor decidir se faz a leitura em voz alta ou pede para que cada aluno leia uma parte do texto.

SEGUNDA ETAPA

Os alunos poderão expor suas opiniões acerca da ditadura civil militar, da tortura e da violação dos direitos humanos por meio do uso de um questionário no qual constarão as seguintes perguntas:

- 1- Quais aspectos da ditadura civil militar são apresentados no conto “Porque Hoje é Sábado”?
- 2- Quais sentimentos a leitura do conto causou em você? Justifique sua resposta:
- 3- Em que medida ainda repercute nos dias atuais a violência presente contra os opositores da Ditadura Civil Militar no Brasil?
- 4- Os direitos humanos estão sendo preservados em nosso país na atualidade? Justifique:
- 5- As violações de direitos humanos com a tortura podem ser consideradas uma forma legal de atuação do Estado contra seus opositores? Justifique:

TERCEIRA ETAPA

Nesse momento da atividade, o professor deve propor que os alunos criem um conto, tendo em vista as seguintes orientações:

- O conto pode ter como marco temporal o período em que o Brasil viveu uma ditadura civil militar (1964-1985);
- Deve apresentar alguma característica da ditadura trabalhada em sala de aula. O aluno pode escolher entre a chegada dos militares ao poder, as questões econômicas, a repressão aos opositores políticos, a demonização do socialismo, a censura, o uso da arte como forma de protesto, a exemplo da música, o ufanismo, dentre outros;
- O texto deve conter introdução, desenvolvimento e conclusão. Sendo assim, a história criada precisa apresentar um desfecho compreensível aos leitores;

- O aluno pode introduzir personagens históricos no conto, interligando-os com as personagens fictícias;
- Acontecimentos da atualidade podem ser citados no conto, contanto que o aluno consiga introduzir essas informações no texto, interligando-as com a ficção;
- O aluno poderá utilizar depoimentos coletados, pesquisas nos livros didáticos, jornais, revistas ou na internet para a composição de seu texto. Através dessa atividade, será estimulada a pesquisa das fontes.

QUARTA ETAPA

No momento final da sequência, o professor deve propor aos alunos que apresentem oralmente o conto que criaram, destacando para a turma que nesse momento é essencial que todos respeitem a fala do colega e não atrapalhem sua apresentação. Os contos podem ser afixados no mural da escola.

PROPOSTAS DE AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM

A avaliação dessa atividade pode ser realizada a partir da análise das respostas expostas pelo aluno no questionário proposto na segunda etapa dessa sequência. Além da apreciação do texto, em formato de conto, que os mesmos apresentarem.

PROVÁVEIS RESULTADOS

Estima-se que o aluno consiga se colocar no lugar dos sujeitos históricos apresentados nas aulas e que tente compreender as ações destes a partir da análise do contexto em que esses indivíduos estavam inseridos. Além disso, objetiva-se que as personagens fictícias apresentadas no conto possam despertar nos educandos a empatia para que atitudes como respeito, alteridade e solidariedade sejam estimuladas no cotidiano escolar.

ADAPTAÇÃO PARA OUTROS DESTINATÁRIOS

O tema desta sequência didática é forte e delicado, deve ser abordado de forma a sensibilizar os alunos para a indignação frente ao desrespeito aos direitos humanos. Caso o trabalho seja realizado com turmas do fundamental, é aconselhável que o documentário “Advogados contra a ditadura” não seja utilizado, tendo em vista que alguns alunos possam apresentar uma sensibilidade maior ao ter contato com os relatos de tortura. Nesse sentido, o professor pode utilizar fotos de manifestantes em passeatas que tinham como objetivo protestar contra o autoritarismo e pedir que seja feita uma comparação com as manifestações populares ocorridas nos últimos cinco anos.

O professor pode propor que os alunos criem cartazes com fotos que demonstrem exemplos de violação aos direitos humanos no Brasil durante a ditadura civil militar e na atualidade, invés de criar um conto.

APÊNDICE

PORQUE HOJE É SÁBADO

Maria José Silveira

SILVEIRA, Maria José. Felizes poucos: onze contos e um Curinga. São Paulo, ZLF, 2016.

Eles chegaram quando estávamos vendo desenho animado na televisão. Eu e meu irmão – eu com seis anos; meu irmão, com quatro. Fui abrir a porta e três ou cinco homens, não sei bem quantos, perguntaram, Onde estão seus pais? Eu disse que não sabia, eles não estavam, talvez tivessem ido visitar meu tio; meu tio morava ali perto. Naquela época, nossa casa era grande, com um quintal enorme – quer dizer, na minha lembrança parece que era enorme, mas não posso dizer ao certo. Nunca mais voltei lá, e as lembranças que restaram estão esmaecidas, borradas, misturadas umas nas outras. Sei que tinha árvores com frutas, goiabeiras e duas mangueiras. Uma de manga rosa, manga que fica de um lindo vermelho sanguíneo quando amadurece. E a outra, de manga comum, que minha mãe me ensinou a comer ainda verde com sal. Era minha mãe quem trepava na mangueira para pegar as mangas, e comia com a gente. Acho que ela gostava até mais do que nós. E também fazia doce com as goiabas do quintal. Minha mãe, meu irmão e eu, nós três catávamos goiabas, mas só as goiabas vermelhas, as brancas não serviam pra fazer doce. Ela descascava as goiabas e eu e meu irmão íamos tirando as sementes, uma a uma, com colher. Minha mãe colocava tudo numa panela com açúcar por cima e mexia, mexia, até ficar uma calda bem vermelha, espessa, que depois

deslizava da concha sobre o sorvete de creme branco. A calda escorria vermelha e se misturava com o branco cremoso, deixando poças rosadas no fundo da taça. Minha sobremesa preferida. Principalmente quando minha mãe enchia a taça e me deixava terminá-la sentada em frente à televisão. A primeira coisa que eles fizeram, assim que entraram, foi desligar a televisão. Uma televisão pequena, imagens em preto e branco; TV a cores ainda não era comum. Então, andaram pela casa toda, pegando coisas, e nos fizeram entrar num carro enorme que eu nunca tinha visto antes. Depois fiquei sabendo que era um camburão. Meu irmão, eu e minha tia, que estava passando uns tempos conosco e estava grávida. Ela repetia, Eu estou grávida, cuidado! Eu estou grávida. Me lembro bem disso. A voz da minha tia dizendo, Eu estou grávida, e pondo a mão na barriga. Perto de onde ela ficou sentada, no chão, vi uma coisa que era uma arma e achei grande demais. Fiquei com medo e perguntei o que era, e minha tia me disse, Não mexa, meu bem. É uma metralhadora, cuidado. É disso que me lembro. E tudo me aparece como se estivesse muito longe, entre cinzas, neblina, nevoeiro. Nunca mais voltei àquela nossa casa, e acho que foi a casa onde mais gostei de morar, com todas aquelas árvores no quintal. Lembro também de um aniversário que passei nessa casa, e do meu vestido da festa, azul claro, com um laço de fita branco na gola. Era lindo, esse vestido! E lembro perfeitamente do meu bolo de aniversário, um bolo coberto de chicletes cor-de-rosa na bandeja cheia de caramelos. Foi minha tia e minha mãe que fizeram. Minha tia ficava repetindo, com a mão na barriga, Cuidado, estou grávida. Disso eu me lembro perfeitamente. E depois me lembro do lugar aonde chegamos, cheio de gente. Parecia pequeno, mas não posso dizer com certeza se era pequeno ou grande. Na minha cabeça, era como se fosse pequeno e cheio de gente. E também não sei se demorou muito ou não, sei que depois vi meu pai e minha mãe. Eles estavam sentados assim, meio duros, as mãos debaixo da mesa, mais ou menos perto um do outro, mas com um jeito estranho, diferente. Parecia que não eram de verdade, mas de outra coisa, como se fossem bonecos. E quando alguém abriu a porta, assim meio devagar, e eu vi os dois, quis gritar mamãe, papai, mas não sei por que não gritei, fui correndo até eles, só que nenhum deles se levantou para me abraçar. Minha mãe se encolheu mais na mesa. Fiquei chateada porque eles não pareceram contentes em me ver. Pareciam de cera. Ficaram me olhando, de longe, brancos demais, e alguém me pegou. Achei que eles estavam doentes e comecei a chorar.

(De repente, vi minha filha na sala de tortura. E de repente também, ela sumiu: alguém a tirou dali. Foi tão rápido que foi bom: fiquei achando que estava variando. Eu a vi ali e depois não vi mais. Enlouqueci, pensei. Tão rápido, e já enlouqueci. Mas também achei que não podia ser ela, o cabelo da minha filha não era curto assim. Naquele momento, também pensei: se

fizerem alguma coisa com meus filhos, não vou aguentar. Melhor enlouquecer de vez. Mas não pode ser minha filha. O cabelo dela é comprido, e ela está em casa, está a salvo, nada vai lhe acontecer. E só muito mais tarde, dias depois, soube que meus pais estiveram lá; e que depois de um grande escândalo conseguiram tirar minha filha e meu filho dali.)

Depois que eles chegaram à nossa casa e me levaram no camburão, e depois que chegamos a esse lugar, que eu não sei onde era, um lugar pequeno mas cheio de gente, eles estavam cortando o cabelo de todo mundo e cortaram também o meu, com aquele pente esquisito que os barbeiros usam, com uma gilete dentro. Meu cabelo era comprido, liso, e estava solto. Minha mãe gostava muito de fazer em mim um penteado que dizia que minha avó gostava de fazer nela e que se chamava sempre-no-meu-coração, e hoje sou eu que faço o mesmo penteado na minha filha. Hoje eu faço na minha filha como minha mãe fazia em mim: primeiro escovo bem os cachos, mas com muita suavidade para não deixar doer. Depois, pego um feixe de cabelo de cada lado e junto os dois atrás, com um prendedor ou laço de fita, no alto da cabeça. É um penteado antigo que até hoje fica lindo em criança. Naquela época eu gostava muito do meu cabelo. E não gostei nada quando eles o cortaram daquele jeito tão curto e de maneira tão bruta. Depois, sei que minha avó lhes perguntou por que tinham feito aquilo. Cortar assim o cabelo de uma criança, com que objetivo? Por nada, foi o que responderam. Por objetivo nenhum. Filho de comunista conosco é assim. Como foi com o filho da minha tia que acabou nascendo na prisão, praticamente na cela, e quando foram buscá-la, depois que as outras presas, as políticas e as presas comuns do outro pavilhão, começaram todas a gritar, a berrar, bater nas grades e nas latas e no que mais havia para ser batido, que o menino estava nascendo e precisava de assistência, e ela disse para o obstetra, acho que meu filho está morrendo. Ele respondeu, e daí? Que importa? Será um comunista a menos.

(Há um limite, eu acredito, para a capacidade de resistir a algo que invade e tira a humanidade de alguém, como a tortura. Cada um tem o seu. Os heróis, não, mas nós, a maioria, não somos heróis. É um erro pensar que podemos ser, que é um ato de mera vontade. E ali, naquele momento, eu soube, claro como uma facada de luz bruta e insolente, qual era o meu. Minha filha, meu filho. Que eles fossem torturados, eu não aguentaria deixar acontecer. Mas não; não era a minha filha ali parada na porta. Aquela menininha tão parecida tinha cabelo curto; minha filha, não.)

Meu cabelo foi caindo, cacho a cacho, e ficou lá no chão, em cima do meu sapato. Tive vontade de chorar, senti meus olhos se encherem, quase escorrendo, mas senti também que por algum motivo as lágrimas não iam cair. Essas pessoas não são minhas amigas, pensei, e

sacudi meu pé para que os cachos caíssem direto no chão e não em mim. Minha avó apareceu como se estivesse possuída e entrou gritando e gritando, gritando, e de repente caiu desmaiada. Depois ela nos contou que foi mais por fingimento. Tinha usado suas armas femininas, ela disse, para desnortear e amedrontar os guardas. Até nessas horas, minha avó é cheia de ideias. E funcionou. Eles de fato se amedrontaram. Ter uma senhora de idade esparramada no chão da cadeia não iria lhes trazer nenhuma vantagem. Disseram, Vai, toma, leva a porra dos seus netos, e suma daqui.

(A certeza de que, seja o que for, tudo em algum momento chega ao fim, era nossa única aliada. A certeza de que tudo, seja o que for, acaba. Que dali, em algum momento, iríamos para o presídio. Ir para o presídio significava que havia ficado para trás o manto negro de algo cuja existência não era admitida. Por sua própria natureza, a tortura é clandestina, tem que ser negada em todos os escalões. Enquanto esse tempo durasse, enquanto nossa prisão não fosse reconhecida, tudo era possível: a morte, a loucura, o desaparecimento. Só quando essa parte por si mesma se exauria e o interrogatório cessava, é que oficialmente se abria o inquérito, era feita a denúncia pública. Voltávamos, então, a existir para o mundo, e o mundo voltava a existir para nós. Estávamos outra vez entre companheiros, num simulacro de vida normal; vida de presos, mas ainda assim “vida” e “normal”.)

Depois, muito depois, quando chegava o sábado, eu e meu irmão sabíamos que dia era porque minha avó nos acordava logo cedo, a voz animada, quase alegre, Hoje é dia de ver seus pais, dizia. Então nos aprontávamos e íamos visitar meu pai e minha mãe no presídio onde eles estavam. Devia ser triste, mas para mim era como um passeio no parque. Os adultos ficavam conversando e nós íamos brincar no pátio, na areia, nós e muitas outras crianças. Minha mãe ria, me abraçava, me beijava, meu pai também. Eram abraços que às vezes doíam. Doíam por dentro e por fora, como uma aflição de braços sufocados e sufocantes. E me davam presentes, coisas que eles mesmos faziam, brinquedos de caixinhas, pulseiras, colares.

Minha mãe fez pra mim uma boneca de crochê, cabelos roxos de lã, saia de muitas cores, olhinhos de botão preto. Mas cisme: ela não tinha pés. Tinha como se fossem umas mãozinhas marcadas no final dos braços, mas eram mãos sem dedos, e pés ela não tinha. Reparei muito nisso. Fiquei alegre, mas também me deu vontade de chorar. Não consegui ficar totalmente feliz com essa boneca de crochê. Ficava e não ficava. Tinha horas que a abraçava sufocado como minha mãe me abraçava, e depois a jogava longe. Não queria mais vê-la, colocava-a debaixo do travesseiro. E só voltava a tirá-la de lá mais tarde, na hora de dormir, quando então, quase sonhando, voltava a abraçá-la apertado, e conseguia imaginar que se ela não tinha pés era porque por dentro, escondido, tinha algum tipo de asa e podia voar e me levar para lá, onde minha mãe estava.

(Nos dias de visita, íamos todas para o pátio. As presas casadas encontravam os maridos, se eles também estivessem presos. Era quando recebíamos a visita dos filhos. O pátio se enchia de crianças e por um momento éramos uma família normal. As crianças chegavam ressabiadas, mas aos poucos se soltavam, correndo e brincando como qualquer criança. A chegada era o melhor momento; na partida, outra vez a dor. As presas solteiras também iam para o pátio receber visitas, e os namorados. Por isso, o dia anterior era o dia da vaidade: queríamos descer lindas, prontadas. Nossas famílias nos traziam roupas da moda e trocávamos minissaias e enfeites entre nós. Prendíamos o cabelo, fazíamos limpeza de pele, ginástica. Bronzeávamos no banho de sol. Estávamos presas, sim, mas estávamos vivas. Éramos jovens e bonitas, a pele dourada. Eu ia ver meus filhos, meu marido. Eu me sentia feliz).

Éramos muitas crianças. Crianças, mas filhas de comunistas: antes de entrar e depois na saída, as guardas nos revistavam, pedaço por pedaço de nosso corpo. Essa parte era triste. Eu sentia muito frio e segurava a mão da minha avó e fazia cara feia. Tinha vontade de bater naquelas mulheres-guardas que me apertavam e levantavam minha roupa. Era quando eu me lembrava do dia que eles chegaram à nossa casa para prender meus pais e me levaram no camburão, e cortaram meu cabelo e deixaram meus pais doentes. Então, eu esperneava. Minha avó me abraçava e dizia: calma, meu bem. Já vai terminar. Meu pensamento ia pra longe, e eu me lembrava do quebra-cabeça que meu pai e eu estávamos montando juntos, acho que ele gostava daquele quebra-cabeça até mais do que eu, e era um daqueles grandes, de 200 peças, que um dia ele chegou trazendo a caixa debaixo do braço, foi de aniversário que ele me deu, e disse: esse agora é gigantesco, minha filha, você vai ver! E então toda noite, depois do jantar, nos esparramávamos pelo chão da sala os dois e ficávamos montando as peças até me dar sono, e meu pai me levava pra cama e o quebra-cabeça não de todo montado ficava lá no

chão; era uma casa grande, e não atrapalhava ninguém. Só atrapalhou os três ou quatro homens que chegaram e não passaram por cima das peças no chão, como todo mundo fazia, mas pisaram em cima e chutaram e eu falei: não façam isso que papai vai ficar bravo!, Ah! vai? Eles riram, e aí sim sapatearam ainda mais por cima, como se fizessem uma dança esquisita, desmontando tudo. Foi quando tive vontade de chorar e entendi que eles não eram nossos amigos.

Um sábado, minha mãe me levou para visitar o lugar onde ela morava, sua “cela”. Palavra horrível, “cela”. Ela e outras companheiras que tinham filhos conseguiram autorização e nos levaram para conhecer onde ficavam. Uma espécie de quarto com várias camas e beliches. Muitas colchas coloridas penduradas como se fossem paredes. Abajur coberto com papel rosa todo recortado. Desenhos e figuras pregadas por todo canto. Tudo muito colorido, muito forte, quase sufocante. Hoje eu sei que era um colorido-salvação, um colorido fake que elas sabiam que era fake, mas que precisavam colocar naquelas paredes sujas e cinzas para alegrá-las um pouco. Mas na hora achei outra coisa. Não achei bonito nem feio. Achei outra coisa. Uma coisa ruim. Comecei a chorar. As amigas da minha mãe me abraçavam, me davam lápis de cor para desenhar, me ofereciam balinhas e caramelos. Ao lado de minha mãe, elas não sabiam o que fazer para me alegrar. Mas me lembro que não gostei nada daquilo, de jeito nenhum. Era totalmente o contrário do que era a casa onde a gente vivia antes de meus pais serem presos. Com o quintal cheio de árvores, que talvez não fosse grande mas para mim parecia enorme. Não sei o que aconteceu com essa casa. Também não sei o que aconteceu com aquele meu quebra-cabeça. Nem com meu bolo de aniversário com cobertura de chicletes, e a bandeja forrada de caramelos. Caramelo, sim, é uma palavra bonita, escorrega na boca.

(O tempo na prisão não tem limites. Prolonga-se, infinito. Cada minuto, cada segundo igual a si mesmo e ao que veio antes e ao que virá depois. Cada hora, cada dia, cada noite transformando-se em outra hora, outro dia, outra noite: igual. E sem marcas: todos os momentos se parecem, o dia e a noite. Igual. A qualquer momento pode-se fazer qualquer coisa, e tudo pode ser adiado para amanhã. Amanhã).

O tempo que passei sem meus pais – minha mãe, um ano; meu pai, dois – é um período do qual não me lembro bem. Lembro da casa da minha avó, da minha cama perto da cama do meu irmão, de como muitas vezes ele se deitava ao meu lado, sobretudo nos sábados depois que voltávamos da visita ao presídio. Mas se começo a pensar naqueles anos, meu pensamento quase imediatamente parece que voa para o “antes”, para a casa onde morávamos, a casa grande, com quintal, as frutas, o quebra-cabeça. Depois, passa rápido, em

imagens sem sequência, pela metralhadora do camburão, a barriga da minha tia, a sala cheia de gente. Cachos do meu cabelo caindo no meu pé. E então ele corre, outra vez, e voa, para meus sábados no parque junto com meus pais no pátio da prisão.

REFERÊNCIAS

- BARCA, Isabel. **O pensamento histórico dos jovens**. Braga: Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia. Centro de Estudos em Educação e Psicologia, 2006.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo. Cortez Editora, 2018; 5ª edição.
- _____. (org) **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003, 8ªed.
- CERRI, Luís Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História: Experiências, Reflexões e Aprendizado**. Papiros, Campinas – SP 2003.
- HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos: uma história**. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MOREIRA, Marco Antonio. **Aprendizagem significativa: a teoria e textos complementares**. São Paulo. Editora Livraria da Física, 2011.
- NIKITIUK, Sônia M. Leite (org). **Repensando o ensino de História-** 3ªed. São Paulo. Cortez, 2001.
- RUSEN, Jorn. **Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão**. Práxis Educativa. Ponta Grossa, PR. V.1, n.2, p.07 - 16, jul. -dez. 2006.
- SILVEIRA, Maria José. **Felizes poucos: onze contos e um Curinga**. São Paulo, ZLF, 2016.
- VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BNCC. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 02 março de 2019.
- SERGIPE. **Secretaria de Estado da Educação**. Referencial Curricular: Rede Estadual de Ensino de Sergipe. Disponível em http://www.seed.se.gov.br/arquivos/Referencial1%20Curricular_final.pdf. Acesso em 02 de março de 2019.

INDICAÇÃO DE SITES, VÍDEOS

- https://www.youtube.com/watch?v=L-u7-mq_U48. Com duração de 24 minutos, o vídeo intitulado “As vítimas da ditadura” traz depoimentos de pessoas que foram presas durante o período conhecido como Ditadura Civil Militar no Brasil.
- <https://www.youtube.com/watch?v=Q9s1QUCpNdw>. Com duração de 54 minutos, o documentário “O golpe militar de 31 de março de 1964”, apresenta os acontecimentos que precederam a instalação da ditadura civil militar no Brasil.

- <https://www.youtube.com/watch?v=YWtuhUsn5ao>. Com duração de 51 minutos, “Memórias femininas contra a ditadura militar” mostra o depoimento de mulheres que protagonizaram situações de luta contra o autoritarismo característico do Brasil entre as décadas de 1960 e 1970.

INDICAÇÃO DE FILMES

- Lamarca, 1994. Colorido. Duração 2h e 10 min. Origem: Brasil.
- O Que é Isso, Companheiro? 1997. Colorido. Duração 1h e 50 min. Origem: Brasil.
- Tempo de Resistência, 2003. Documentário. Colorido. Duração 1h e 55 min. Origem: Brasil.
- Cabra-cega, 2005. Colorido. Duração 1h e 37 min. Origem: Brasil.
- Zuzu Angel, 2006. Colorido. Duração 1h e 40 min. Origem: Brasil.
- O Ano Em Que Meus Pais Saíram de Férias, 2006. Colorido. Duração 1h e 45 min. Origem: Brasil.
- Batismo de Sangue, 2007. Colorido. Duração 1h e 50 min. Origem: Brasil.
- Hoje, 2011. Colorido. Duração 1h e 30 min. Origem: Brasil.
- O Dia Que Durou 21 Anos, 2013. Documentário. Preto e branco/ Colorido. Duração 1h e 17 min. Origem: Brasil.
- Os Dias Com Ele, 2014. Documentário. Colorido. Duração 1h e 47 minutos. Origem: Brasil.
- Militares da Democracia, 2014. Documentário. Colorido. Duração 1h e 28 min. Origem: Brasil.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA III

“EPIDERME, MERA SUPERFÍCIE”. AS LEIS ABOLICIONISTAS E AS SEQUELAS DA ESCRAVIDÃO NARRADAS PELA HISTÓRIA E PELA FICÇÃO.

OBJETIVO

Promover ações pedagógicas que ressaltem o entendimento e o posicionamento sobre a situação dos afrodescendentes após a abolição da escravidão e a manutenção da discriminação racial no Brasil, utilizando a narrativa histórica, o conto “Eu, Um Homem Correto” e a música “A Carne”. Ao final desta sequência, o aluno deverá ser capaz de relacionar o preconceito contra os negros ao passado escravocrata de nosso país e posicionar-se contrário a atitudes discriminatórias, ressaltando o respeito ao outro, a fim de amenizar formas de preconceito no ambiente escolar.

DESTINATÁRIOS

Alunos do segundo ano do ensino médio do Colégio Estadual Ivo do Prado, situados na faixa etária entre 15 e 17 anos.

QUANTIDADE DE AULAS ESTIMADAS

Quatro aulas com duração de cinquenta minutos.

HABILIDADES

- Compreender o processo abolicionista no Brasil;
- Relacionar o racismo existente na atualidade ao passado escravocrata de nosso país;
- Posicionar-se contrário a atitudes discriminatórias a partir do entendimento de que somos todos iguais em direitos e deveres;
- Criar pontos de vistas sobre eventos históricos, utilizando meios lúdicos.

VALORES

- Liberdade¹⁷;
- Igualdade¹⁸;
- Respeito à vida humana¹⁹.

RELAÇÃO SUGERIDA COM OS CONTEÚDOS SUBSTANTIVOS PRESCRITOS NO CURRÍCULO ESCOLAR EM VIGOR

Esta sequência cumpre a orientação contida no Referencial Curricular da Rede Estadual de Ensino de Sergipe que elenca, entre os conteúdos que devem ser abordados para as turmas do segundo ano do ensino médio, a Questão Abolicionista.

Buscamos, também, atender às normativas contidas na LDB, especificamente a Lei nº 10.639/2003²⁰, que determina a inserção do ensino de História e Cultura afro-brasileira e da luta dos negros no Brasil.

RECURSOS EMPREGADOS

- Livro didático;
- Notebooks;

¹⁷ Com o intuito de regularizar e organizar a educação brasileira, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) está baseada em princípios presentes na Constituição Federal. O artigo 3º de sua versão mais recente, a de 1996, apregoa que o ensino será ministrado em princípios como o respeito à liberdade e apreço à tolerância. (CARNEIRO, 1988, p. 34).

¹⁸ O Art. 5º da Constituição Federal apregoa que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acessado em 27 de maio de 2019.

¹⁹ Devido à necessidade e a obrigatoriedade da Lei 10.639/03 de se estar constantemente trabalhando sobre a questão da Cultura Afro-brasileira, esta proposta de intervenção pedagógica procura aliar a necessidade com a obrigatoriedade, tendo em vista que as salas de aulas são um ambiente oportuno para o desenvolvimento de trabalhos que viabilizem a conscientização e reflexões a respeito das ações dos alunos, considerando que essas estão muitas vezes marcadas de preconceito e discriminações, que podem ser consideradas em maior parte reproduções ou influências da sociedade em que vivemos.

²⁰ A Lei nº 10.639/2003 acrescentou à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) dois artigos: 26-A e 79-B. O primeiro estabelece o ensino sobre cultura e história afro-brasileiras e especifica que o ensino deve privilegiar o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional. O mesmo artigo ainda determina que tais conteúdos devem ser ministrados dentro do currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística, literatura e história brasileiras. . Retirado de <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/202-264937351/9403-sp-482745990>. Acessado em 27 de maio de 2019.

- Data Show;
- Caixa de som;
- Material impresso: conto “Eu, um homem correto”, de Murilo Antônio de Carvalho;
- Letra da música “A Carne”, composta por Seu Jorge, Marcelo Fontes e Ulisses Capeletti.

DESCRIÇÃO DA FONTE PRINCIPAL

Nessa sequência, daremos ênfase ao conto “Eu, um homem correto”, escrito por Murilo Antônio de Carvalho²¹ e publicado no livro “Raízes da Morte”, em 1977. O conto é narrado por um representante comercial que incita e relata um linchamento sofrido por um homem negro, acusado de um crime que não cometeu. Através do texto é possível identificar atitudes preconceituosas contra afrodescendentes que perduram até os dias atuais.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Essa atividade consiste em explorar a narrativa histórica, a produção literária, a partir do conto “Eu, Um Homem Correto” e a música “A Carne²²”. Usaremos esses recursos no intuito de despertar, entre os alunos, a reflexão sobre a manutenção do preconceito contra os negros no Brasil e suas origens no passado escravista de nosso país.

A sequência está dividida em quatro momentos, através dos quais são trabalhados a compreensão dos conteúdos referentes às Leis Abolicionistas do Brasil, seguido da apresentação da música “A Carne” e do conto “Eu, um homem Correto”. Em seguida deve ser aplicado um questionário e, logo depois, serão expostas as orientações para a criação do conto por parte dos alunos e suas apresentações orais.

²¹ Murilo Antônio de Carvalho é um jornalista e escritor brasileiro. Começou sua carreira no jornalismo como repórter do Jornal Movimento 1975-1981, onde era responsável pela seção Cena Brasileira. Mais tarde trabalhou na Folha de S.Paulo, como repórter e também editor da "Folha Agropecuária. Na Editora Abril foi editor executivo do Guia Rural e diretor de redação da Revista Estilo Brasil. Foi diretor de Redação dos programas Agrojornal e Diário Rural na TV Bandeirantes. No SBT foi diretor, por 26 anos, dos programas Siga Bem Caminhoneiro e Brasil Caminhoneiro. (RUFFATO, 2009, p. 152).

²² A música “A Carne” foi composta por Seu Jorge, Marcelo Fontes do Nascimento e Ulisses Capeletti e gravada pela cantora Elza Soares em 2002. Informação retirada do endereço eletrônico <https://www.lettras.mus.br/elza-soares/281242/>, consultado em 22 de maio de 2019.

PRIMEIRA ETAPA

Através de aula expositiva e dialogada, com auxílio do livro didático, o professor deve apresentar os fatores que levaram à assinatura da Lei Áurea e as consequências desse ato para os afrodescendentes. Após a discussão sobre esse processo, o professor deve apresentar a música “A Carne” e, por fim, proporcionar, aos alunos, o acesso ao conto “Eu, um homem correto”, em formato impresso. Depois disso, deve ser feita a leitura do conto em sala de aula.

Cabe ao professor decidir se faz a leitura do conto em voz alta ou pede para que cada aluno leia uma parte do texto. A leitura compartilhada pode ser uma boa opção para tornar esse momento mais dinâmico. Ao final da leitura, os alunos devem ser incentivados a apresentar suas impressões sobre o que é “vivenciado” pelas personagens, além de identificar os aspectos históricos contidos na narrativa.

SEGUNDA ETAPA

Os alunos devem ser orientados a expor suas opiniões sobre a escravidão africana, sua abolição e suas heranças em nosso país. Assim como sobre a situação dos descendentes de escravos após a decretação da Lei Áurea.

A exemplo da sequência anterior, modificando apenas o conteúdo substantivo, o tempo e o espaço, será usado um questionário que conterà as seguintes perguntas:

- 1-Quais consequências da escravidão africana no Brasil podem ser identificadas no conto?
- 2- Que tipo de sentimento a história narrada no conto despertou em você? Justifique sua resposta:
- 3- A leitura do conto e do poema “Civilização Branca” fez você refletir sobre as vivências dos afrodescendentes no Brasil hoje? Justifique sua resposta:
- 4- A história narrada no conto fez você lembrar eventos que ocorrem em nosso país na atualidade? Justifique sua resposta:
- 5- Você concorda que as diferenças afastam as pessoas? Justifique:
- 6-Você já presenciou situações de preconceito racial? Exemplifique:

TERCEIRA ETAPA

O professor deve estimular os alunos a criar seu próprio conto, tendo em vista as considerações listadas abaixo:

- O conto deve apresentar alguma característica da escravidão africana, do processo abolicionista ou da vida dos afrodescendentes após a abolição, ou seja, dos temas trabalhados em sala de aula;
- O texto deve conter introdução, desenvolvimento e conclusão. Sendo assim, a história criada precisa apresentar um desfecho compreensível aos leitores;
- O aluno pode introduzir personagens históricos no conto, interligando-os com as personagens fictícias;
- Acontecimentos da atualidade podem ser citados no conto, desde que haja uma interligação com fatores que caracterizaram a escravidão africana, sua abolição no Brasil ou o pós-abolição.
- O aluno poderá utilizar pesquisas nos livros didáticos, jornais, revistas ou na internet para a composição de seu texto.

QUARTA ETAPA

Os alunos devem apresentar os textos que construíram. Na ocasião, convém ao professor destacar para a turma que é essencial que todos respeitem a fala do colega e não atrapalhem sua apresentação.

PROPOSTAS DE AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM

A avaliação dessa atividade pode ser realizada a partir das respostas expostas pelo aluno no questionário proposto na segunda etapa dessa sequência. Especialmente a explicação da segunda questão, pois, com essa análise será possível verificar se a experiência narrada no conto “Eu, um homem correto” despertou a reflexão acerca das emoções vivenciadas pela personagem que sofre o preconceito.

Através da análise dos textos criados, o professor pode observar se o aluno demonstrou uma tomada de posição, ao utilizar o passado para resolver ou entender um

problema da vida prática. Neste caso, compreender a situação vivida pela maior parte dos afrodescendentes brasileiros após a assinatura da lei Áurea e construir um material lúdico que possa levar à reflexão sobre esse tema.

PROVÁVEIS RESULTADOS

Espera-se que o aluno consiga relacionar o preconceito racial existente no presente com nosso passado escravista do Brasil e se colocar no lugar dos sujeitos históricos apresentados nas aulas. Além disso, supõe-se que os acontecimentos narrados no conto “Eu, um homem correto” possam despertar a empatia e que, com essa atividade, atitudes como respeito, alteridade e solidariedade sejam estimuladas no cotidiano escolar.

Estima-se que esta sequência de atividades contribua para conscientizar os alunos de que é necessário não reproduzir comportamentos preconceituosos e discriminatórios, pois estes podem acarretar em traumas psicológicos, violências emocionais, físicas e sociais.

ADAPTAÇÃO PARA OUTROS DESTINATÁRIOS

Esta sequência didática pode ser utilizada com turmas de séries e idades variadas. O professor pode aplicá-la com alunos tanto do ensino médio, quanto do fundamental II. Ao trabalhar com jovens que se encontram no sexto ou sétimo ano, o professor pode pedir que eles identifiquem exemplos de preconceito racial a partir de uma pesquisa com jornais, programas de TV, músicas ou redes sociais e depois apresentem os resultados da pesquisa em cartazes ou através de um texto.

Com alunos das séries finais do fundamental (oitavo e nono anos), pode ser exigido que realizem a descrição de atitudes preconceituosas a partir de relatos escritos que podem ser baseados na vivência pessoal dos mesmos ou em entrevistas coletadas.

Partindo do pressuposto de que os adolescentes que estão no ensino médio já podem desenvolver mentalmente, por meio da interação e da troca de experiências, a habilidade de representação imagética dos eventos históricos, eles podem demonstrar essa capacidade reflexiva através do uso da escrita, nesse caso, por meio da construção do conto.

APÊNDICE

EU, UM HOMEM CORRETO

Murilo Antônio de Carvalho.

CARVALHO, Murilo. Eu, um homem correto. In: Raízes da morte. São Paulo: Ática, 1977.

Acabei de escovar os dentes e enxaguei bem enxaguada, a boca. Coloquei a escova e a pasta dental na mala e puxei o zíper. Conferi: tudo em ordem. Os documentos no bolso interno esquerdo do paletó, o pente no direito e no bolso detrás da calça a carteira com dinheiro. Um bolso com botão bem resistente, que abotoa sobre uma casa pequena, quase pequena demais para ele: difícil de abotoar e mais difícil ainda de desabotoar. O chaveiro, bem preso na presilha da calça, debaixo da cinta e enfiado no bolsinho de níqueis. Os sapatos bem amarrados. Olhei: faltava um tanto de graxa neles. E brilho. Detesto andar de sapatos sujos. Puxei um pedaço da colcha que cobria a cama e lustrei o sapato. A poeira vermelha foi ficando no tecido azulado. O sapato só mais ou menos, para chegar no ponto ainda precisava de graxa e um bom lustro de escova. Na colcha ficara uma mancha escura e avermelhada, mais de palmo, mas não tinha importância, até melhor: desse jeito a dona da pensão era obrigada a mandar lavá-la, ela estava mesmo precisando, malcheirosa.

Tudo em ordem. Apanhei a maleta, o mostruário e, saí para o corredor. Caminhei até a portaria e não encontrei ninguém. O balcão da recepção estava vazio. Esperei um pouco, cinco minutos talvez, e não apareceu pessoa alguma. Levemente, dei dois tapas sobre a tábua do balcão, esperando despertar da velha ou alguma empregadinha. Sobre o balcão, o livro de registros de hóspedes estava aberto e eu li meu nome e notei que nos últimos três dias somente eu fora registrado. Fiquei imaginando que todos os outros hóspedes que encontrei nos corredores e no refeitório eram moradores permanentes, registrados há muito tempo. Bati novamente no balcão enquanto procurava uma campanha, dessas que sempre existem em recepção de hotéis e pensões. Não havia nenhuma. Olhei o relógio. Faltava menos de meia hora para sair o ônibus, se a empresa fosse pontual. Bati novamente, com mais força e só então a velha apareceu no corredor da cozinha, enxugando as mãos num pano de prato. Cumprimentei-a, pedi a conta, paguei. Enquanto saía, levando a mala e o mostruário, notei que ela enfiava o dinheiro no seio. Me desagradou muito aquela pensão sem nem caixa registradora.

O ponto de ônibus não era longe, só atravessar a praça, defronte à igreja e ficar na porta do bar. Já havia muita gente ali, esperando. Coloquei a mala e o mostruário no chão, junto à parede. Tirei do bolsinho do paletó a minha passagem, comprada de véspera e conferi o lugar. Número seis, segundo banco atrás do motorista, lado do corredor, onde eu poderia esticar as pernas à vontade, enquanto controlava a estrada, longe da poeira dos últimos lugares. Sempre que a gente se senta um pouco mais atrás, nos ônibus que rodam por estradas de terra, come um poeirão danado. É só o ônibus parar e o pó levanta-se, uma nuvem opaca, e vem por trás, entrando em cada janela aberta, em cada fresta de vidro e sufoca os pulmões da gente. Por isso sempre mantive o meu hábito de reservar sempre o bilhete número seis. Não tão atrás que empoeire tanto, nem tão à frente que o zoar do motor não deixe a gente dormir.

Eu havia esquecido o meu guarda-pó de linho que sempre trazia nessas viagens ao interior, quando podia contar com poeira certa, por isso não vestira meu terno completo. Estava com o velho peletó cinza e a calça azul-marinho que usava quando tinha que visitar alguma fazenda, oferecendo meus produtos. A camisa, não houve jeito, era a branca mesmo. Não coloquei gravata, era estragá-la de certeza. O Ônibus ainda demoraria um pouco a encostar. O dia ia pela sua metade, um pouco além das duas horas. Entrei no bar cheio de gente. A mala e o mostruário pesavam bastante. Coloquei-os no chão e pedi um guaraná e já bebia quando me deu vontade de comer um quindim. Mastiguei devagar.

Pedi ao rapaz do bar que olhasse pela mala e pelo mostruário e fui ao mictório. A urina demorou a vir. Nas paredes uma porção de frases e versos escritos, frases e versos que eu fiquei lendo enquanto esperava a urina e depois enquanto mijava. Saí e fiquei encostado na porta, palitando os dentes. Não havia nenhum lugar vago nos dois bancos de madeira, cheios de mulheres e suas crianças. Já estava ficando cansado, o palito amolecera e a ponta se abrira num pequeno feixe de farpas macias, quando o ônibus apontou no começo da rua, no fim da praça. Olhei o relógio. Estava na hora, o chofer fora muito bem pontual. Isso me deixou contente, o Brasil progredia mesmo.

Cuspi fora o palito, cuspi um pouco do gostinho de madeira que me ficara na boca e me aprumei. As mulheres viram também o ônibus e já se levantavam, barulhentas, chamando os filhos, pondo uma urgência medonha em tudo.

O ônibus encostou. Abriu-se a porta com um sonoro chiado que me fez lembrar um peido. O cobrador desceu, moreno, magro e sorridente. Entrou no bar. O motorista saltou em seguida e foi tomar seu cafezinho no balcão. Olhei outra vez minha passagem. Número seis. Reservada. Comprada com bastante antecedência. Deixei que as mulheres com as crianças entrassem antes. O cobrador voltou e começou a guardar as malas. Entreguei-lhe minha maleta e o

mostruário. Ele devolveu-me os canhotos do talão de bagagem que colara nelas. Fiquei esperando para ver em qual compartimento ele iria guardá-las. Não queria confusão com minhas malas e podia esperar enquanto os outros passageiros se atropelavam na porta do ônibus, porque eu tinha meu lugar reservado, banco número seis, desde a véspera.

Fui um dos últimos a entrar e o ônibus não estava cheio. Parei um pouquinho na porta, trepado no segundo degrau e cumprimentei o motorista que ajeitava dois pacotes no lado do motor, junto ao banco. Para minha surpresa o chão estava limpo e um cheirinho de creolina indicava que ele fora lavado há pouco tempo. Uma boa empresa de ônibus aquela ali, sem dúvidas nem sombras. Procurei o meu lugar, número seis. No número cinco estava sentado um senhor bem vestido, o terno azul-marinho novo, os cabelos brancos e um curativo sobre o olho esquerdo. Achei que seria um bom companheiro de viagem. Pedi licença e sentei-me na ponta do banco estofado, arregaçando um pouco a calça para que não me surgissem aquelas joelheiras deselegantes que amarrotam o tecido e causam péssima impressão, destruindo os vincos. Uma coisa que eu não suporto são roupas mal passadas, com o vinco torto ou sem vincos.

Acomodei-me e enquanto esperava a partida procurei conhecer e me apresentar ao meu companheiro de banco. Ele foi muito gentil, pegou-me na mão, apresentou-se. Deixei para mais tarde a conversa que principiávamos a entabular, porque queria examinar os outros passageiros com meu vagar. No banco da frente, o primeiro, atrás do motorista, na mesma fileira em que eu estava, dois boiadeiros, as botas cheias de barro, falam em voz baixa, os chapéus descansando no colo. Decerto andavam olhando gado, comprando. Estiquei um pouquinho o pescoço para o lado a fim de ver bem o rosto deles. Os dois estavam com a barba crescida e pareciam cansados. Achei melhor não puxar conversa.

No primeiro banco do outro lado, aquele que fica sozinho lá na frente, antes da porta, ao lado do motorista, o cobrador mexia com um bloquinho de passagens e ajeitava um pequeno maço de notas miúdas para o troco. Estava muito entretido em sua obrigação para responder a qualquer cumprimento meu. Logo depois da porta, ainda do outro lado do ônibus, sentava-se uma velha gorda, junto à janela. Um pouco longe dela, no mesmo banco, um negro. Virei-me um pouco e pude notar bem o casal de meia-idade que estava sentado no segundo banco, na minha direção. Pareciam distintos, razoavelmente bem arrumados e olhavam também para fora, dizendo adeus a algumas pessoas. Virei o pescoço mais ainda. E vi outro casal, duas mulheres e várias crianças que choramingavam lá atrás, perto da cozinha, aquele banco comprido que é o último do ônibus.

Atrás de mim, nos assentos do meu lado foi mais difícil de olhar. Disfarcei, levantei-me e fingi que arranjava um pacote no guarda-volumes de cordinha. Pude ver que apenas três bancos estavam ocupados. E me pareceu que eram ocupados por roceiros, suas mulheres e filhos. Sentei-me novamente e olhei o relógio. Estava passando da hora. Fiquei desgostoso. Perguntei ao motorista, com muito jeito, se ia demorar muito para sair. Ele disse que não, só estava esperando a professora, ela já até vinha vindo. Disse que tirava a diferença depois. Comentei com o senhor do meu lado que isso não era direito. Mas fiquei esperando sentado que outra coisa não me competia.

Não demorou nada e a professora chegou. Muito alegre, sorrindo, esbaforida, chegou correndo e trazia pacote de cadernos nos braços e uma grande bolsa de couro pendurada no ombro. Era muito alegre mesmo. Subiu depressa, o cobrador saiu ligeiro do banco onde estava e cedeu o lugar para ela. O motorista, rindo, cumprimentou-a e deu a partida no ônibus. Devagarzinho fomos deixando a praça, descemos uma rua estreita, passamos em frente ao circo que estava sendo desmontado. A professorinha falava alto, exuberante, e sua voz sobressaía-se até mesmo ao ronco tremido do motor.

. Eu estava distraído, os olhos andando à toa, quando percebi que o negro do primeiro banco inclinava-se para o lado e procurava olhar melhor a professora. Achei esquisito. Meu companheiro comentou sobre um novo posto de gasolina que estavam construindo na entrada da cidade e eu já podia avistar. Estava mesmo pronto e a parede inteiramente azulejada deveria ter custado uma fortuna.

O ônibus parou bem na frente do posto e eu pude vê-lo direito. Duas mulheres com suas malas e sacolas entraram. O cobrador estava lá atrás e veio vindo para ajudar, mas o negro levantou rápido, pegou as sacolas e auxiliou as duas mulheres que eram bem velhas e tiveram dificuldade em subir os altos degraus. Enquanto ele ajeitava as bolsas, notei que não desgrudava os olhos da professorinha que voltara-se no banco e falava com uma das velhas, sempre com seus bonitos dentes clareando o sorriso. Compreendi logo que era professora de escolinha rural e que andava sempre naquele ônibus, por isso todos a conheciam tão bem.

Quando o ônibus entrou na estrada os passageiros conversavam animados, mas a professora começara a corrigir os cadernos com um grosso lápis. Comentei com meu companheiro de banco o interesse do negro pela professora. Ele reprovou comigo, essa gente nunca sabe o seu lugar. Não que ele tivesse preconceitos, como eu também nunca os tive, mas o negro estava até descalço. Uma certa hora a professora ajeitou-se no banco, virando as pernas para fora, encontrando melhor posição para a correção dos cadernos. Com o movimento o vestido subiu um pouco, mostrando até mais em cima, um pedaço deslumbrante de coxas claras. Eram

pernas lisas e certas e pareciam rijas como boa madeira de lei. O negro estava de olho. Eu não podia ver-lhe os olhos, mas pude adivinhar muito bem a gula que ia por eles. Meu companheiro de banco entortou o corpo e olhou. Concordou comigo que as pernas eram das melhores, mais gostosas, e que o negro era um sem-vergonha. Logo-logo a professora vai estar mostrando até as calcinhas, desse jeito. E aí o negro enlouquece.

Confesso que a vista daquelas pernas me perturbou um pouco, procurei conversar. Os dois boiadeiros do banco da frente estavam dormindo. Puxaram a campainha e o ônibus parou. Um casal levantou-se, a mulher com grande dificuldade carregava um bebê envolto em cueiros. O cobrador, parado na porta, deu o troco ao homem e ajudou a senhora a descer. Quando o ônibus começou a andar ele foi cobrando as passagens de banco em banco. Mostrei a minha, reservada com boa antecedência, ele apanhou-a e fez nela dois buraquinhos redondos com seu alicate de picotar. O negro tirou o dinheiro do bolso e pagou, um dinheiro amassado e ensebado, quase a conta certa. Eu fiquei olhando o pé dele: o dedão tinha as unhas pretas e gretadas. Me deu vontade de ver como é que era a mão dele. Demorei um pouco, porque ele sempre mantinha as mãos juntas, enfiadas no meio das pernas. As unhas da mão dele pareciam as unhas do pé. Tão pretas, tão sujas. Falei com meu companheiro de viagem sobre isso, como a gente conhece os outros pelas unhas da mão. Seus hábitos, seu coração. Notei nele uma rápida reação, um movimento ligeiro que tinha a intenção de passar despercebido, procurando com a ponta dos olhos a ponta dos dedos. As unhas dele estavam cortadas e limpas, eu já havia notado isso, senão não teria comentado. Eu também olhei para as minhas unhas, embora soubesse que elas estavam limpas, lustrosas, curtas e sem cutículas, como sempre.

O ônibus ia indo. A professorinha continuava corrigindo os cadernos e voltara as pernas para dentro do banco, de forma que já não se podia mais ver suas macias coxas. Comentei isso com o velho senhor e ficamos imaginando o desespero do negro, que perdera seu espetáculo. Eu estava pensando que tinha de engraxar os sapatos logo que chegasse na rodoviária de São Paulo, pois seria muito desagradável aparecer ao gerente de vendas com os sapatos empoeirados. Ele era um sujeito muito fino, certamente nunca iria dizer nada, assim direto, assim específico. Ele apenas exigia apresentação impecável e eu achava isso assim muito certo. Mas eu precisava mesmo engraxar os sapatos porque, como as unhas, eles são o melhor espelho do que é um homem.

. Eu estava pensando nisso, o ônibus rodava pela estrada vermelha, quando o negro levantou-se e foi falar qualquer coisa ao motorista. Como ele falou muito baixo eu não pude escutar o que dizia, embora tivesse me concentrado em grandes ouvidos. O que eu pude notar e o meu

companheiro de banco notou também quando chamei a atenção dele, foi que o negro falava ao motorista mas tinha os olhos postos na professora que continuava com seu trabalho, apesar dos balanços e sacolejos do ônibus. O motorista respondeu qualquer coisa e o negro sentou-se novamente.

O balançar e trepidar do ônibus na estrada de terra começou a me enjoar. O asfalto ainda demoraria compridos quilômetros. O diabo do negro não parava quieto. De vez em quando levantava-se, as mãos apoiadas nos suportes do guarda-volumes, e olhava para os dois lados da estrada, como se estivesse tentando reconhecer onde o ônibus ia passando. Aí então eu pude vê-lo com calma, analisar bem analisado as feições da cara, dos olhos, da boca. A boca nascia de um beijo grosso, pendente, roxo, e acabava num outro beijo menor, tão curto que quase encostava no nariz. E o nariz era mais chato que o normal dos negros, e bem perto da narina esquerda tinha um calombo avermelhado que me fez lembrar em bernes. Os olhos eram de quem bebe muito, amarelados, estriados de sangue. Um negro muito feio mesmo. Depois ele sentou-se e ficou quieto.

O calorzinho gostoso do meio da tarde, a modorra suave provocada pelo ronronar do motor e o sono fundo dos dois boiadeiro no banco da frente foram me amolecendo. Entrefechei os olhos e fiquei pensando, suave, na professorinha. Não havia podido distinguir direito os traços da cara dela, deveria ser realmente muito bonita, gordinha, eu só sabia do riso branco de belos dentes. O cabelo dela era louro e eu escarafunchei minhas lembranças catando uma certa comparação. Mas só me vinham as imagens das coxas dela, brancas, rijas, de pegar e morder como cana madura. E eu fiquei cochilando, pescando meus lambaris, enquanto ia mordendo, mordiscando leve e leve as macias coxas da professorinha que corrigia os cadernos lá no banco da frente.

De repente o ônibus reduziu a marcha e começou a parar. Abri os olhos meio desperto, procurando saber quem descia ou entrava. Quando parou de todo, à margem da estrada, a professora levantou-se sorrindo, falando um até amanhã ao motorista e olhando pela janela, decerto esperando alguns de seus aluninhos. Eu fiquei inteiramente acordado. Ela levantou-se, saiu meio de lado, puxando o vestido. Parou um instante no degrau superior da porta e eu notei que sua bunda bem feita estava na altura dos olhos do negro que disfarçava e olhava pela janela, interessado em qualquer coisa lá fora. Ela desceu. Deu um novo até logo ao motorista e saiu das minhas vistas.

O ônibus ia arrancando, a porta ainda aberta, o negro levantou-se precipitado, falou ao motorista um balbucio, entregou a passagem, pegou um pacote que colocara no porta-volumes em cima do banco e desceu apressado. A porta fechou chiando seu ar comprimido e eu tive

uma certeza. Como um relâmpago, como um tiro, como um tombo. Esse negro ia fazer das suas e a professora era o que era. Pensei em falar, mas me detive uns momentos. O ônibus principiava a retomar a sua velocidade de sempre, as pessoas estavam todas quietas, com preguiça de conversar.

Eu fiz meus pesos e medidas, meus próprios julgamentos e achei que não podia me omitir. Eu sempre fui eu, obedecedor, dentro das leis, no rigor de todos os preceitos. Eu sabia uma certeza e não podia acovardar-me, deixar que passasse. Acordei meu vizinho de banco e falei com ele o que eu estava pensando. Seu olho sozinho me olhou sério e senti que e senti que ele concordava comigo. Resolvi agir. Levantei-me e fui ao motorista. Falei, expliquei, contei, informei. Ele me olhou espantado. Não pareceu acreditar muito, mas senti uma leve onda de preocupação tomar conta da cara dele. Insisti, altas vozes e os dois boiadeiros já estavam interessados. Repeti a história, contei do negro, os olhos nas coxas, a pressa de descer. Eles entenderam e acreditaram na hora.

O velho, meu parceiro de assento, estava falando com o casal do banco de trás e pude ver que o homem concordava e a mulher abriu sua cara de susto, a mão na frente da boca. A velha gorda que vinha dividindo o banco com o negro escutava a conversa e não demorou a intervir. De repente muita gente falava e todos acusavam, diziam, todos tinham suas certezas. O motorista parou o ônibus. O cobrador, que dormia lá no fundo, veio depressa saber o que estava havendo. Um dos boiadeiros começou a explicar, eu completei o caso. O cobrador abaixou-se e pegou uma barra de ferro que estava debaixo do banco do motorista. Nessa altura todos os homens do ônibus tinham vindo para a frente. As mulheres esticavam o pescoço e ficavam caladas, ansiosas para descobrir as causas do transtorno, os porquês do ônibus parado, ansiosas para descobrir as causas do transtorno, os porquês do ônibus parado, da viagem interrompida. Eu já sabia o que nos competia fazer, a nós homens decentes e civilizados, com um pinga de moral. Aí eu sugeri que voltássemos, que fôssemos depressa, a professorinha em perigo, o negro nojento. Voltássemos e queira Deus se não seria tarde demais, tudo consumado.

O motorista ainda estava indeciso. Tinha suas ordens, o horário a cumprir. O cobrador agitava a barra de ferro. Um dos boiadeiros insistiu em voltar. Eu achei que estava até passando da hora, se demorássemos mais íamos somente voltar para vinganças. Recontei todos os movimentos do negro, os olhares, as brancas coxas da professora, as escuras unhas de gretas, o pé descalço, o dinheiro amarrotado na palma da mão, o beijo roxo, os olhos riscados de vermelho, o calombo na cara. Insisti, tinham que acreditar, decidir logo, meu companheiro de banco que confirmasse. Ele fez que sim com a cabeça, silencioso. Eu já não argumento tinha

mais argumento nenhum e isso me afogava, me deixava impotente, o negro, a professora, as coxas rijas, o rosto gordinho. Aí então me encheu o saco e eu resolvi comandar. Mandeí virar o ônibus e voltar. O motorista, meio assustado me obedeceu, enquanto todos os passageiros aprovaram e em suas caras ia-se formando o ódio.

O ônibus voltava rápido, a paisagem sendo apenas largas manchas coloridas dentro dos barulhos da tarde. Estávamos quase todos de pé, dentro do ônibus que corria, cada um se preparando do seu modo para as coisas que iam acontecer. O cobrador ia batendo devagar o pedaço de ferro no cano niquelado que era parte do encosto do banco e fazia um fraco ruído metálico enquanto pedacinhos do prateado ficavam grudados no ferro. O motorista fazia curvas e curvas, a poeira levantando, vermelha e morna. De repente, depois de um bosque de eucaliptos apareceu a escola, branca e pequena, no começo do morro. O ônibus diminuiu a marcha e todos nós fomos olhando, lado e lado, esquerda, direita. Repassando touceiras, escarafunchando sombras, os ouvidos prontos para o grito. O cobrador abriu a porta e pendurou-se para fora, o ferro na mão, procurando ver melhor. Então ele viu o negro que caminhava devagar pelo lado da estrada. Gritou. Eu gritei também, o desgraçado decerto já fizera o malfeito, ia fugir. Mandeí o motorista tocar pra cima do negro. Ele viu o ônibus vindo, vindo, procurou desviar-se assustado, atravessou correndo a estrada e começou a subir um barranquinho que ia dar nos fundos da escola.

O ônibus encostava no barranco quando o cobrador, os dois boiadeiros, outros homens e eu descemos correndo, as mulheres gritando e vindo atrás. Então eu vi quando pegaram o negro, foi o cobrador que alcançou primeiro e bateu nas pernas, o negro caiu e deixou rolar o pacotinho de roupas. Gritou e caiu, apavorado, acuado, meio trepado no barranco, enquanto todos começavam a espancar com os pés, as mãos, paus e pedras e o negro gritava, gritava, gritava. E gritava ainda quando a professora surgiu em cima do barranco, fresca em seu vestido branco, vindo da escola, de mãos dadas com uma meninazinha. E gritava enquanto eu pude ver nos claros olhos dela uma intensa surpresa por encontrar ali o ônibus parado e aquele feroz grupo de homens que batiam, batiam, batiam até matar.

A CARNE

SEU JORGE / MARCELO FONTES DO NASCIMENTO S / ULISES CAPELETTI

A carne mais barata do mercado

É a carne negra

A carne mais barata do mercado
É a carne negra
Que vai de graça pro presídio
E para debaixo do plástico
E vai de graça pro subemprego
E pros hospitais psiquiátricos
A carne mais barata do mercado
É a carne negra
Que fez e faz história
Segurando esse país no braço, meu irmão
O cabra aqui, não se sente revoltado
Porque o revólver já está engatilhado
E o vingador eleito
Mas muito bem intencionado
E esse país vai deixando todo mundo preto
E o cabelo esticado
Mas mesmo assim, ainda guarda o direito
De algum antepassado da cor
Brigar sutilmente por respeito
Brigar bravamente por respeito
Brigar por justiça e por respeito (Pode acreditar)
De algum antepassado da cor
Brigar, brigar, brigar, brigar
A carne mais barata do mercado
É a carne negra, negra, negra, carne negra (Pode acreditar)
A carne negra²³.

²³ Retirado do site <https://www.letras.mus.br/elza-soares/281242/>, consultado em 22 de maio de 2019.

REFERÊNCIAS

- BARCA, Isabel. **O pensamento histórico dos jovens**. Braga: Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia. Centro de Estudos em Educação e Psicologia, 2006.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo. Cortez Editora, 2018; 5ª edição.
- _____. (org) **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003, 8ªed.
- CARVALHO, Murilo. **Eu, um homem correto**. In: Raízes da morte. São Paulo: Ática, 1977.
- CERRI, Luís Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, Reflexões e Aprendizado**. Papiros, Campinas – SP 2003.
- HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos: uma história**. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MOREIRA, Marco Antonio. **Aprendizagem significativa: a teoria e textos complementares**. São Paulo. Editora Livraria da Física, 2011.
- NIKITIUK. Sônia M. Leite (org). **Repensando o ensino de História- 3ªed**. São Paulo. Cortez, 2001.
- RÜSEN, Jorn. **Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão**. Práxis Educativa. Ponta Grossa, PR. V.1, n.2, p.07 - 16, jul. -dez. 2006.
- VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- SERGIPE. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial Curricular: Rede Estadual de Ensino de Sergipe**. Disponível em http://www.seed.se.gov.br/arquivos/Referencial1%20Curricular_final.pdf. Acesso em 02 de março de 2019.
- BNCC. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 02 março de 2019.

INDICAÇÃO DE VÍDEOS

- https://www.youtube.com/results?search_query=vista+minha+pele. O curta “Vista minha pele”, com duração de 26 minutos, apresenta situações de racismo, invertendo o alvo do preconceito, ou seja, os brancos é que são discriminados.
- <https://www.youtube.com/watch?v=xR549adx5Go>. Com duração de 54 minutos, o documentário “Ecos da escravidão” exhibe características da sociedade escravocrata do período colonial e imperial do Brasil.

INDICAÇÃO DE FILMES

- Duelo de Titãs, 2000. Colorido. Duração 1h e 53 min. Origem: EUA.
- Quanto Vale ou é Por Quilo? 2005. Colorido. Duração 1h e 50 min. Origem: Brasil.
- Besouro, 2009. Colorido. Duração 1h e 50 min. Origem: Brasil.
- Histórias Cruzadas, 2012. Colorido. Duração: 2h e 26 min. Origem: EUA.
- Django Livre, 2012. Colorido. Duração: 2h e 44 min. Origem: EUA.
- 12 Anos de Escravidão, 2013. Colorido. Duração: 2h e 14 min. Origem: EUA.
- Menino 23: infâncias perdidas no Brasil, 2016. Documentário, colorido. Duração 1h e 20 min. Origem: Brasil.
- Raça, 2016. Colorido. Duração: 2h e 03 min. Origem: Canadá e Alemanha.
- Estrelas Além do Tempo, 2017. Colorido. Duração 2h e 07 min. Origem: EUA.
- Pantera Negra, 2018. Colorido. Duração: 2h e 15 min. Origem: EUA.

3. LISTA DE CONTOS QUE PODEM SER USADOS COMO AUXÍLIO PARA A COMPREENSÃO DE TEMAS HISTÓRICOS

- 1- A cabeça de Tiradentes, Bernardo Guimarães (Inconfidência mineira);
- 2- Duelo de Farrapos, José Simões Lopes Neto (Guerra dos Farrapos);
- 3- A expedição Moreira César, Euclides da Cunha (Guerra de Canudos);
- 4- A perfeição, Eça de Queiroz (Grécia Antiga);
- 5- Nove de janeiro, Máximo Gorki (Sobre o domingo sangrento na Rússia, em 1905);
- 6- Pai Contra Mãe, Machado de Assis (escravidão africana no Brasil);
- 7- Negrinha, Monteiro Lobato (pós-abolição);
- 8- O dia em que morreu Getúlio, Domingos Pellegrini (governo de Vargas);
- 9- Contrabandista, João Simões Lopes Neto (Revolta Farroupilha);
- 10- Baleia, Graciliano Ramos (retirantes nordestinos);
- 11- Meia noite em Brasília, Nelson Rodrigues (fundação de Brasília);
- 12- Voluntário, Inglês de Sousa (Guerra do Paraguai);
- 13- O caso da vara, Machado de Assis (escravidão);
- 14- 1964: manobras de um soldado, Flávio Moreira da Costa (ditadura militar no Brasil);
- 15- O Baile do Judeu, Bernardo Guimarães (antisemitismo no Brasil);
- 16- O fazedor do Brasil, Nelson Rodrigues (fundação de Brasília);
- 17- A primeira pessoa, Luís Fernando Veríssimo (sátira sobre o surgimento do homem);
- 18- A pecadora queimada e os anjos harmoniosos, Clarice Lispector (Inquisição);
- 19- Brasília, Clarice Lispector (fundação de Brasília);
- 20- E o noivo estava de tênis, Luís Fernando Veríssimo (surgimento do homem);
- 21- Os amores de D. Pedro e Dona Inês, conto popular (dinastias portuguesas);
- 22- A última princesa, Fábio Yabu- (princesa Isabel);
- 23- Conto de um escravo, Samuel Inm (escravidão);
- 24- Vida de escravo, Marcelo Natel (escravidão em Roma);
- 25- O conto de um escravo, Robert Nozick.(escravidão);
- 26- Depois da revolta, Plínio Camillo (revolta dos malês);
- 27- Todo dia, Plínio Camilo (escravidão);
- 28- Tumbeiro, Plínio Camilo (tráfico negreiro);

29- Outra História de Kiauba, Plínio Camilo (os quilombos);

30- Sol Claro Entre Nuvens, Maria José Silveira (Ditadura Civil Militar).

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABUD, Kátia. **Currículos de história e políticas públicas: os programas de história do Brasil na escola secundária.** In Bittencourt. Circe (org). O Saber Histórico na Sala de Aula. São Paulo. Editora Contexto, 2003.
- ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva.** 8ª edição. São Paulo: Cortez, 2011. Coleção Questões da Nossa Época.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História.** Tradução: André Telles. São Paulo; Zahar Editora, 2002.
- BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo.** 11ª ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- _____. **Entre a Literatura e a História.** São Paulo. Editora 34, 2015.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução: Sérgio Góes de Paula- 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: Estudos de Teoria e História Literária.** 8ª ed. São Paulo, T.A. Queiroz, 2000.
- FALCÃO. Gerson Marinho. **Psicologia da aprendizagem.** São Paulo. Editora Ática, 5ª edição, 1989.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados.** Campinas- SP. Papiros, 2003.
- FRANK, Anne. **Contos do esconderijo.** São Paulo. Editora Círculo do Livro, 1986.
- GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 1977.
- HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos: uma história.** Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LAJOLO, Marisa. **O que é Literatura?** 10º ed. São Paulo. Brasiliense, 1991.
- MOREIRA, Marco Antônio. **Aprendizagem significativa: a teoria e textos complementares.** São Paulo. Editora Livraria da Física, 2011.
- PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História e história cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- RUFATTO, Luiz (org). **Questão de pele. Contos sobre preconceito racial.** Rio de Janeiro: Língua Geral, 2012.
- SILVEIRA, Maria José. **Felizes poucos: onze contos e um Curinga.** São Paulo, ZLF, 2016.
- Vigotsky, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar; tradução Ernani da F. Rosa.** Porto Alegre: Artmed, 1998.
- BNCC. **Base Nacional Comum Curricular.** Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 02 março de 2019.
- PORTAL MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/202-264937351/9403-sp-482745990>. Acessado em 27 de maio de 2019
- SERGIPE. Secretaria de Estado da Educação. Referencial Curricular: Rede Estadual de Ensino de Sergipe. Disponível em https://www.seed.se.gov.br/arquivos/Referencial%20Curricular_final.pdf. Acesso em 02 de março de 2019.
- VILLALTA, Luiz Carlos. **Dilemas da relação teoria e prática na formação do professor de História: alternativas em perspectivas.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v.13, n.25/26, p.p. 223-232. Set 92/ Ago 93.